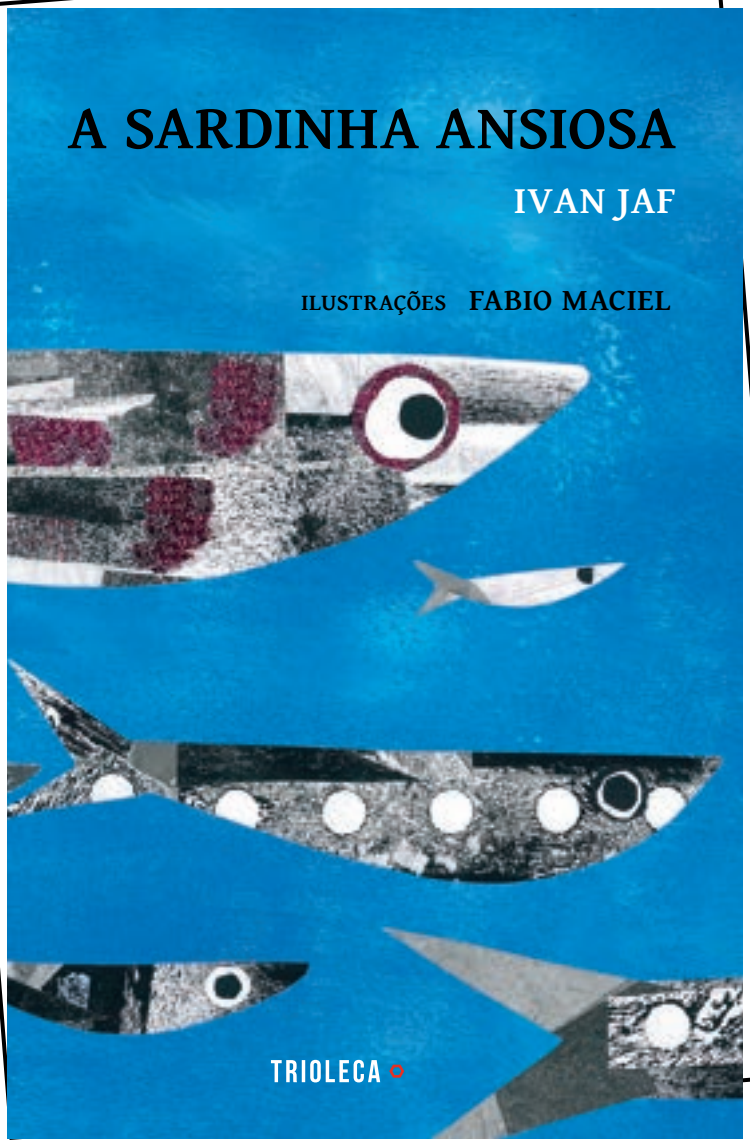
GUIA DE APOIO À LEITURA
LIVRO DO PROFESSOR

Elaborado por: Chantal Castelli



SUMÁRIO

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: 3

1. Antes da leitura 3
2. Durante a leitura 3
3. Depois da leitura 5

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: 7

1. Antes da leitura 7
2. Durante a leitura 7
3. Depois da leitura 8

APROFUNDAMENTO: 11

1. Ansiedade e medo 11
2. Empatia e compaixão 14
3. Indagações filosóficas 16
4. Natureza e cultura 20
5. Uma novela de formação 24
6. Tecnologia: revolução ou conservação? 26

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES: 29

BIBLIOGRAFIA COMENTADA: 32

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I

1. ANTES DA LEITURA

a) Explorando o título e expectativas sobre a história. O título do livro de Ivan Jaf é bastante curioso e sugestivo para uma discussão pré-leitura. Primeiramente, pelo inusitado da combinação entre um animal pouco improvável (uma sardinha) e um sentimento forte, muito humano (a ansiedade). Há algo de engraçado no título, e, ao mesmo tempo, de uma beleza singela. O professor pode explorar essas ambiguidades com os alunos, estimulando-os a pensar sobre os possíveis assuntos da história; estimulando-os a criar possibilidades de enredo e sentido para esse título. A ideia é fazer uma dinâmica coletiva em sala de aula, em que todos participem e se expressem livremente, como uma espécie de *brainstorming*. O que ninguém souber como responder, pode ser depois pesquisado em casa e trazido na aula seguinte.

Algumas perguntas motivadoras:

- O que é e como se manifesta a ansiedade?
- Você já experimentou esse sentimento?
- Que tipo de peixe é a sardinha? Quais suas características biológicas, como e onde vive?
- É um peixe muito consumido como alimento?
- Com o que, possivelmente, uma sardinha poderia ficar ansiosa? **EM13LP04; EM13LP06; EM13LP20**[1]

b) Criação: sinopse para uma história. A partir das respostas e das discussões surgidas com a última pergunta, os alunos farão um exercício de imaginação e escrita criativa. Cada um vai elaborar, individualmente, uma pequena sinopse para uma história em prosa com esse título, *A sardinha ansiosa*. Para tanto, o professor deverá rever com seus estudantes alguns conceitos e componentes estruturais da narrativa: enredo, tipos de narrador, ponto de vista, personagens, peripécias, espaço, tempo, entre outros. Também será uma oportunidade para trabalhar (ou rever e aprofundar) as diferentes formas literárias em prosa: romance, conto, novela – dando especial ênfase a esta última, por se tratar do gênero ao qual corresponde mais adequadamente o livro de Ivan Jaf. **EM13LP49; EM13LP15**

2. DURANTE A LEITURA

a) Análise estilística do texto. No decorrer da leitura, diversos temas serão levantados e discutidos com os alunos – os principais serão abordados na seção "Aprofundamento" deste guia. Embora forma e conteúdo não existam isoladamente, o professor pode propor concomitantemente uma análise de aspectos estilísticos do texto, que contribuirão para sua interpretação. O objetivo é não apenas mapear a ocorrência de figuras de linguagem (como ironia, prosopopeia, alegoria, metáfora, entre outras), mas também interpretar o seu uso de acordo com o contexto. Além das figuras de linguagem, o professor pode conduzir uma análise dos elementos fundamentais da narrativa: tipo de narrador onisciente; tipos de discurso empregados (direto, indireto, indireto livre); personagens; espaço; tempo (cronológico e da narrativa) etc. Da mesma forma, os alunos devem ser levados a refletir sobre as escolhas do autor e seu sentido na economia da narrativa. Por fim, mas não menos importante, será a reflexão sobre o gênero textual ao qual pertence *A sardinha ansiosa*, a novela (sobre a qual falaremos mais adiante, na seção Aprofundamento). Para o estudo dos gêneros em prosa, é interessante que o professor indique a leitura de outras

1 As habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) envolvidas nas propostas de atividades são citadas por seu respectivo código alfanumérico, conforme o texto completo em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 fev. 2021.

obras ficcionais, pelo menos uma de cada gênero: um conto, uma crônica, uma novela, um romance. Essa escolha pode incluir autores contemporâneos, mas também clássicos que ajudaram a consolidar cada gênero. **EM13LP49; EM13LP50; EM13LP06; EM13LP52**

b) Oficina de escrita criativa. Sabemos que não só a escrita argumentativa e científica, mas também a escrita ficcional e criativa pode ser uma poderosa ferramenta para a compreensão e interpretação da realidade, indo além: escrever, em prosa ou verso, é uma maneira de transfigurar a realidade, de criar e recriar mundos. Além disso, a escrita literária exercita uma função importante da linguagem, que não tem o objetivo prático de comunicar, informar ou instruir, mas de trabalhar a subjetividade, a expressão, o autoconhecimento. Como lemos na explicação da BNCC sobre o campo artístico-literário da Língua Portuguesa, "Nesse sentido, o desenvolvimento de textos construídos esteticamente – no âmbito dos mais diferentes gêneros – pode propiciar a exploração de emoções, sentimentos e ideias que não encontram lugar em outros gêneros não literários (e que, por isso, devem ser explorados)". Simultaneamente à leitura de *A sardinha ansiosa*, o professor organizará oficinas de criação literária, sobre o livro e os temas trazidos por ele. É preferível que o professor privilegie a escrita em gêneros como poesia ou contos (de preferência curtos, como minicontos e nanocontos), ou mesmo híbridos, como poemas em prosa; ou algum outro gênero que seja diferente do livro de Jaf (novela). Desse modo, os alunos exercitarão, de modo comparativo e dialógico, as particularidades estruturais e estilísticas de cada gênero literário. **EM13LP49; EM13LP54; EM13LP15**

c) Organização de leitura poética. O professor pode propor que os alunos organizem algum tipo de evento para compartilhar suas criações. Pode ser um sarau, uma roda de leitura, um jogral, uma competição estilo *slam*, entre outros. O evento pode incluir não só os textos escritos pelos alunos, como também textos de outros autores, com temas correlatos, selecionados por eles. Desse modo, estarão mobilizando não só habilidades de socialização, interpretação do próprio trabalho e trocas culturais, como também a habilidade de leitura, seleção e curadoria de materiais. Também pode-se incluir, na produção, componentes como música, vídeo, cenários etc. **EM13LP47; EM13LP11**

d) Divulgação do trabalho. Na apropriação crítica e criativa das práticas de linguagem digital, é importante incluir o campo da difusão e compartilhamento de informações. A turma pode escolher algum tipo de plataforma digital para publicar sua produção literária. Pode ser um livro ou revista digital, ou uma página onde os poemas e minicontos sejam postados, ou ainda um canal em um *site* de compartilhamento de vídeos com a leitura dos textos, podendo dialogar com imagens e música. Assim, os alunos estarão trabalhando também os recursos digitais como meio de comunicação, sempre de modo criativo, ético e responsável. **EM13LGG701; EM13LGG703; EM13LP13; EM13LP16; EM13LP17; EM13LP18**

e) Análise dos resultados. Finalmente, para fechar o trabalho, o professor pode organizar uma avaliação coletiva das atividades anteriores – criação, evento, divulgação. Quais os pontos altos e baixos do processo? O que funcionou e o que poderia ter sido feito de outra forma? Além disso, vale analisar a intertextualidade entre as obras de diferentes gêneros e autores (sejam eles alunos ou escritores consagrados). O que se pode perceber nesse diálogo entre autores, gêneros e, eventualmente, épocas diferentes? Não se pode esquecer, aqui, as relações entre a literatura e os processos históricos e sociais de seu contexto. Ao se discutir interdiscursividade e intertextualidade, é importante saber identificar e interpretar posicionamentos e perspectivas, pessoais, biográficos, históricos. No plano estilístico, uma boa oportunidade para que os alunos percebam e interpretem o uso de paráfrases, paródias, estilizações, entre outros recursos. **EM13LP50; EM13LP03; EM13LP01; EM13LP04; EM13LP46**

3. DEPOIS DA LEITURA

a) Adaptações da obra. Considerando que um dos temas levantados pelo livro é o *bullying*, é importante trabalhar não só sua compreensão, mas também atividades que possam contribuir para desconstruir essa prática abusiva. Nesse sentido, o professor pode propor diversas formas de adaptação do livro de Jaf, para diferentes linguagens e públicos; incluindo uma modalidade que contemple deficientes visuais e outra que contemple deficientes auditivos.

As atividades propostas a seguir trabalham em grande parte com recursos e linguagens digitais, mobilizando, portanto (entre outras), a Competência Específica de Linguagem e suas Tecnologias de número 7, tal como descrita na BNCC: "Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em praticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva".

Essas atividades devem mobilizar tanto as ferramentas e recursos específicos de cada linguagem, como o intuito de inclusão e respeito às diferenças. Além disso, serão atividades em grupo, engajando, portanto, os alunos em práticas autorais colaborativas, de construção coletiva de conhecimento. **EM13LGG703; EM13LP18; EM13LGG603**

É importante que o professor tenha em mente, na condução desses trabalhos, que toda adaptação é também uma forma de interpretação. Ao selecionar o que (conteúdo) e como (forma) deseja expressar-se, e refletir sobre isso, o aluno estará dialogando de modo pessoal e crítico com o texto literário. **EM13LP54**

- **Elaboração de roteiro para produção em vídeo**. Com base na narrativa, os alunos deverão elaborar um roteiro para algum tipo de adaptação visual da obra. Algumas possibilidades seriam: um videoclipe, um teatro filmado, um minidocumentário sobre a vida da Sardinha, filmagem de alguém narrando/interpretando o livro (à moda dos contadores de história), entre outras possibilidades. **EM13LP17**
- **Execução da produção em vídeo**. Para tanto, além das peculiaridades do suporte específico da modalidade visual, como utilização de câmeras, programas, *softwares* de edição de imagens, entre outras ferramentas, os alunos deverão aprender a produzir, escolher e compor imagens de acordo com o efeito de sentido que desejam. Também deverão pensar sobre referências estéticas e culturais que mobilizam ao escolher determinados elementos da linguagem visual. Fatores como enquadramento, ângulo, foco, iluminação etc. são fundamentais. **EM13LP14**

  Do ponto de vista da inclusão das diferenças, é importante considerar, na produção visual, o público dos deficientes auditivos. Assim, os alunos poderão ou incluir uma legenda para as cenas (ou leitura em Libras, caso alguém seja proficiente na língua), ou realizar um vídeo mudo, ou incluir intertítulos (à maneira do cinema mudo).
- **Difusão/divulgação da produção em vídeo.** É importante que as produções dos alunos possam ser divulgadas. Isso estimula muito o processo criativo, ou seja, saber que haverá espectadores. A audiência pode ser tanto interna, dos alunos da própria escola, como externa. Nesse caso, pode-se pensar em criar um canal para as produções da turma ou fazer uma *live* nas redes sociais, por exemplo. **EM13LGG701**
- **Elaboração de roteiro/texto para um *podcast*; gravação e difusão do *podcast*.** O *podcast* tem se mostrado uma forma muito popular de divulgar e tratar dos mais variados assuntos e temas; por isso, tem grandes chances de engajar satisfatoriamente os alunos, tanto os que produzirão o *podcast* como os que o consumirão. Além disso, a criação e produção de áudio não envolve somente o texto escrito e lido, que precisa certamente ter sua qualidade própria;

mas envolve outros elementos sonoros, como volume, timbre, intensidade, pausas, ênfases, ritmo, entonação, música incidental e outros efeitos etc. **EM13LP13; EM13LP16; EM13LP17** A atividade terá também o mérito de incluir os deficientes visuais na apreciação da obra de Jaf, por meio da interpretação dos alunos, que seguem desse modo trabalhando a questão da inclusão e da acessibilidade.

- ***Playlist*.** Nesta atividade, os alunos deverão criar uma lista de músicas que funcionem como trilha sonora para a leitura do livro de Jaf; ou que traduzam os sentimentos e ideias do livro; ou que estariam no celular da Sardinha, se ela tivesse um. Qualquer uma dessas opções fará com que os alunos trabalhem a interdiscursividade entre texto literário e música (letra e elementos propriamente musicais como melodia, harmonia, ritmo etc.). Para saber como e o que buscar e escolher, também devem demonstrar uma boa compreensão do texto literário e suas ressonâncias para além do que ali se encontra escrito. **EM13LP17; EM13LP21**

b) Resenhas e comentários. Nesta atividade, os alunos deverão elaborar uma resenha crítica sobre *A sardinha ansiosa*. Primeiramente, esse gênero textual, de caráter analítico e argumentativo, deverá ser estudado. Pra tanto, os alunos deverão ler e analisar diferentes resenhas sobre diferentes livros. O trabalho pode incluir variações da resenha, como comentários ou notas de divulgação. Será importante, contudo, perceber e trabalhar a diferença entre a expressão imediata do gosto pessoal, da expressão mediada e fundamentada, que pode, sim, coincidir com o gosto pessoal, mas requer argumentação objetiva.

Além do livro de Jaf, os alunos podem resenhar leituras correlatas, que surgirem a partir do livro, nos saraus e rodas de leitura, e até suas próprias criações. Também pode-se expandir o trabalho para fora da escola, estimulando os alunos a resenharem leituras, filmes, peças e *shows* que vivenciarem, e a compartilharem com os colegas sua apreciação dos mesmos.

No final, as resenhas podem ser compartilhadas em algum tipo de mídia digital, como *vlog, blog*, *podcast*, *lives* etc.; sem excluir a possibilidade mais tradicional de um mural de resenhas, acessível a outras turmas da escola, com o objetivo mesmo de divulgar a cultura da escola e da cidade.

O trabalho com resenhas e comentários pode seguir por todo o ano letivo, tornando-se um projeto permanente da turma, tanto para textos e produções literárias, ficcionais, como para textos de não ficção (História, Ciências, Sociologia, Filosofia etc.). **EM13LP21; EM13LP43; EM13LP45; EM13LP53**

c) Estudo aprofundado e ampliado de narrativas de formação ou amadurecimento. Na seção Aprofundamento, refletiremos um pouco sobre as semelhanças (e diferenças) entre o livro de Ivan Jaf e as narrativas pertencentes a um subgênero do romance, conhecido como romance de formação. Para que o estudo não fique restrito aos clássicos desse gênero (veremos que seu paradigma é dado pela obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, do alemão J. W. Goethe, publicada entre 1795 e 1796), é interessante que o professor amplie o leque de leituras, incluindo textos mais modernos e contemporâneos, brasileiros ou estrangeiros. Pode-se pensar, no sentido dessa ampliação, em obras que tragam não só a questão da formação, mas também do amadurecimento, de personagens que vivem ritos de passagem, da infância / adolescência para a vida adulta (cf. algumas indicações na seção Sugestões de Referências Complementares). Indo além, os alunos podem ser estimulados a fazer uma curadoria de textos, podendo incluir outros gêneros, como poesia (aí entram também letras de *rap* ou canções, por exemplo), e também filmes, peças teatrais, textos de jornal etc., que tratem do tema formação / amadurecimento. O importante é que a escolha obedeça a critérios objetivos, mesmo que fundados no gosto. Ao final, os alunos organizarão uma antologia sobre o tema. **EM13LP50; EM13LP51; EM13LP52; EM13LGG601; EM13LGG602**

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II

1. ANTES DA LEITURA

Pesquisa científica sobre sardinhas. A pergunta sobre que tipo de peixe é a sardinha, quais suas características biológicas, feita de modo mais ligeiro na aula de Língua Portuguesa, pode ser aprofundada nas aulas de biologia, antes da leitura do livro. Assim, os alunos já terão um repertório sobre a fisiologia do animal, incluindo seus ciclos reprodutivos e de vida, o comportamento, a alimentação, entre outros aspectos. A ideia é depois imaginar e escrever como esses aspectos podem servir de subsídio para a criação literária, dos alunos e de Ivan Jaf. **EM13LGG704; EM13CNT303**

2. DURANTE A LEITURA

a) Pesquisa científica sobre os outros animais do livro. Conforme outros personagens vão aparecendo ao longo da leitura, podem também ser analisados tanto do ponto de vista da construção literária como do ponto de vista biológico. Jaf toma como ponto de partida precisamente o que é constitutivo da fisiologia animal, e que a princípio não teria nada a ver com seres humanos, para tecer uma rede de sentimentos e relações que só fazem sentido na sociedade humana. Essa confluência de olhares é um dos elementos de maior interesse do livro. O professor de literatura pode propor, primeiramente, que os alunos decomponham e isolem, para cada personagem, seus aspectos animais e humanos. Na aula de biologia, pode-se explorar melhor a fisiologia de cada animal, seu *habitat*, seus ciclos reprodutivos e alimentares, seus hábitos e interações com outros animais. Essas reflexões podem eventualmente conduzir a uma crítica sociológica e antropológica sobre certas dicotomias como entre natureza e cultura; veremos no aprofundamento que esse par é mais ambíguo do que dicotômico, e essa ambiguidade é trabalhada sobretudo nos personagens da Sardinha e da Tartaruga. **EM13LGG704; EM13CNT303; EM13CHS105**

b) Criação artística. As belas ilustrações de Fabio Maciel capturam de modo sutil alguns dos aspectos importantes da história. Um bom exemplo está nas páginas 18 e 19. Aí vemos a Sardinha em primeiro plano, parecendo imensa em relação às outras, que aparecem como pano de fundo, no cardume. O uso do ponto de vista marca, aqui, o fato de ela sentir-se única, diferente, destacada do resto; marca também a amplificação do medo e da ansiedade da protagonista. Pode-se explorar então com os alunos o diálogo entre as duas linguagens, a visual e a escrita; como cada uma, a seu modo e com seus próprios recursos, traduz os sentimentos dos personagens ou interpreta cenas da narrativa. O professor de artes pode auxiliar nessa investigação, discutindo e exercitando com os alunos as técnicas usadas pelo ilustrador – colagem, pintura, fotografia. Pode-se escolher, como tema a ser ilustrado, outras personagens da história e situações não representadas pelo ilustrador. **EM13LGG603**

c) Dinâmicas de autoconhecimento e autocuidado. O livro de Ivan Jaf oferece uma excelente oportunidade para que temas importantes para os jovens sejam discutidos: os medos, o *bullying*, o desejo de aceitação, a ansiedade com o desempenho na escola e com o futuro, as escolhas, as amizades, as brigas e reconciliações, as mudanças do crescimento (no corpo e na cabeça), a descoberta do mundo e de si mesmos, o poder do acaso, as boas e más surpresas que a vida traz, entre tantas coisas. É importante ressaltar na análise do livro que a Sardinha vive um processo em que poderá expressar-se, falar sobre aquilo que a atormenta, o que começa por lhe dar um imenso alívio, simplesmente por poder *compartilhar* suas dores. Quando falamos sobre nossos sentimentos, damos o primeiro passo para torná-los menos assustadores e trilhar o caminho de uma cura ativa e efetiva, que passa justamente pelo autoconhecimento, pelo encontro com a diversidade e a convivência com o outro. Assim, a obra oferece uma oportunidade de

trabalho inclusive com os profissionais das áreas de psicologia e os professores de ciências da escola, que podem ajudar a mediar uma roda de conversa sobre autocuidado e o cuidado do outro, no encontro com as diferenças. **EM13CNT207; EM13LP27**

d) Entrevista. Depois da discussão em sala de aula, os alunos deverão realizar uma pesquisa, dentro e fora da escola, sobre ansiedade. Com a orientação do professor, os alunos devem elaborar de duas a três perguntas simples, como, por exemplo: o que é ansiedade? Você já sentiu ansiedade ou conhece alguém que sofra com esse sentimento? O que causa ansiedade na sua vida? O que fazer para diminui-la? É importante que a pesquisa seja conduzida de acordo com determinados padrões, portanto será importante a participação dos professores de sociologia e geografia. O público-alvo da pesquisa deve ser definido: a ideia é que os alunos não se restrinjam a família, amigos e vizinhos, mas entrevistem também pessoas de outras esferas, classes sociais, empregos. Podem entrevistar professores de outras turmas, funcionários da escola, o cobrador do ônibus que pegam, funcionários dos comércios que frequentam etc. Certas informações demográficas sobre os entrevistados também precisam ser anotadas, como sexo, idade, renda mensal, se tem ou não dependentes, emprego, local de domicílio e local de trabalho, uso do transporte público etc. Essas informações são cruciais, porque o objetivo da pesquisa é investigar se e como certas condições sociais, como morar longe ou perto do centro da cidade; ter mais de um emprego ou nenhum; ser trabalhador formal ou informal; ter dependentes etc. contribuem para causar ansiedade. Os dados da pesquisa serão depois compilados na escola, e os resultados, analisados e discutidos pelos alunos. **EM13LP30; EM13LP32; EM13LP33; EM13CHS402; EM13CHS403; EM13CHS503**

3. DEPOIS DA LEITURA

a) Pesquisa sobre animais e criação de personagens – personificação. Nesta atividade, os alunos construirão personagens que são animais personificados – da terra, do mar, do ar; mamíferos, peixes ou insetos; não importa. O importante é que os consigam pensar em características psicológicas que sejam como que derivadas de fatos biológicos, como no caso da Sardinha criada por Jaf. Por exemplo: as sardinhas se movimentam rapidamente e continuamente; esse dado contribuiu para a construção de uma personagem ansiosa – já que a ansiedade tem muito a ver com esse comportamento irrequieto, sem sossego, intranquilo. Que pensamentos e sentimentos teria uma girafa, por exemplo? E um polvo? E ainda um inseto como o mosquito? É importante lembrar que nem toda característica "humanizada" dos personagens do livro se harmoniza com sua fisiologia, mas o contrário também pode acontecer. A Tartaruga, por exemplo, não "nasceu para" a maternidade, mas uma das primeiras atitudes que toma para tentar acalmar a Sardinha é niná-la, como as mães humanas fazem com seus bebês. Além disso, a ciência e a filosofia vêm estudando há muitos anos o tema da consciência e dos sentimentos nos animais. Algumas espécies possuem comportamentos semelhantes aos dos seres humanos, que podem indicar atributos como memória e afeto. É o caso dos elefantes, por exemplo, que costumam passar um longo tempo ao lado do cadáver de seus companheiros mortos, como se estivessem velando seus corpos; e depois ainda retornam ao local da morte, como se visitassem uma sepultura. A atividade pode ser feita novamente em conjunto com o professor de biologia, que estudará os aspectos fisiológicos com os alunos, para que desenvolvam os personagens na aula de literatura e redação. O professor de filosofia também pode propor um estudo sobre filosofia da mente. **EM13CNT202; EM13CHS105; EM13LP30; EM13LP31; EM13LP32**

b) Pesquisa sobre teorias da evolução. Um dos temas trazidos pelo livro, como examinaremos mais adiante no Aprofundamento, é a teoria da seleção natural, de Charles Darwin (1809-1882). Além de aprofundar o estudo da teoria da evolução em suas aulas, o professor de

biologia pode também apresentar aos alunos as diferentes teorias científicas sobre o papel da beleza e dos ornamentos no reino animal, e sua função reprodutiva e evolutiva. Existe toda uma discussão sobre o assunto, que vem desde a publicação de *A origem das espécies* (1859), a obra mais famosa de Darwin, até cientistas contemporâneos que tentam explicar a beleza de determinados animais, sua função, seu caráter útil ou arbitrário. O fato de que não existe um consenso absoluto sobre a questão é bom também para que os alunos aprendam as dinâmicas do pensamento e das discussões científicas. **EM13LP05; EM13LP30; EM13LP31; EM13LP32; EM13CNT201**

c) Discussão e proposta de dissertação sobre teorias sociológicas e filosóficas. Uma vez que Ivan Jaf realiza o salto da biologia para a sociabilidade humana – na medida em que seus personagens são animais personificados – valeria à pena investigar, nas aulas de sociologia, a aplicação das teorias cientificistas aos fenômenos da sociedade humana, que ocorreu no século XIX, na esteira dos escritos de Darwin. O chamado darwinismo social, para o qual as leis da evolução e a seleção natural são formas de aprimorar a sociedade e os indivíduos, ainda hoje possui adeptos. O fato é que, embora as analogias entre natureza e humanidade sejam sempre possíveis, as diferenças são inúmeras; os humanos possuem instituições, leis e valores para lidar com suas desavenças e desigualdades. O tema rende uma boa discussão também em filosofia, onde o professor pode explorar as diferentes teorias sobre o contrato social, a partir da leitura de alguns filósofos, propondo inclusive uma série de debates para discutir pontos de vista distintos. O resultado final é a escrita de um texto dissertativo sobre um ou mais temas pesquisados e debatidos. **EM13LP04; EM13LP05; EM13LP12; EM13LP31; EM13LP34; EM13CNT305; EM13CNT208; EM13CHS101**

d) Debate e gravação de *podcast* de ciências sobre evolução e sobre a mente dos animais. Depois de realizadas as pesquisas, estudos e leituras sugeridos nas atividades B e C, os alunos poderão gravar um *podcast* sobre esses assuntos. Para tanto, devem elaborar primeiramente um roteiro, e dividir as funções entre mediador, defensor do ponto de vista A, defensor do ponto de vista B, por exemplo. Ou mediador e participantes que, embora concordem com a mesma ideia central, possam preparar apresentações e comentários sobre aspectos diferentes do tema. Os professores de biologia, filosofia e língua portuguesa participarão da atividade. **EM13LP12; EM13LP04; EM13LP05; EM13LP13; EM13CNT208; EM13CNT305**

e) Campanha contra o *bullying* e pela inclusão. Depois de terem trabalhado, durante a leitura, temas como *bullying*, medo, ansiedade, convivência e respeito às diferenças, entre outros, os alunos podem iniciar uma campanha para despertar a atenção e a consciência da comunidade escolar para essas questões, que devem estar no centro do debate acadêmico e vivencial da escola. Para tanto, podem-se propor diversas atividades, como: cine-debate, com filmes pertinentes aos temas; apresentação teatral; jogos que envolvam cooperação mútua; confecção de cartazes com imagens e texto; entre outros. A orientação do psicólogo da escola será fundamental para a realização da atividade. No que diz respeito aos jogos, expressão corporal e teatro, os professores de educação física, música e teatro também podem atuar. Além disso, pode ser útil a participação do professor de ciências, já que o sofrimento psíquico é também uma questão de saúde pública. **EM13LP19; EM13LP20; EM13LP25; EM13LP27; EM13CNT207**

f) Pesquisa e debate sobre tecnologia. Um tema importante que surge, ainda que de forma indireta, da leitura de *A sardinha ansiosa*, é o tema de como a tecnologia afeta a vida e a interação social dos membros de uma comunidade em particular. Analisando a descrição do modo de vida da Sardinha no cardume, vemos como há ao mesmo tempo a ordem grupal dominante, gregária, e a solidão sentida pelo indivíduo nesse coletivo. Isso nos leva primeiramente à questão do uso das mídias sociais, porque são muito presentes na vida dos adolescentes. Então

aqui pode ser apresentado um primeiro tema para pesquisa e debate: as redes sociais aproximam ou afastam as pessoas? Permitem o encontro e o diálogo com o diferente, ou acirram os discursos de ódio? São um espaço democrático para a expressão livre de ideias e sentimentos, ou um ambiente sectário, fechado (a famosa "bolha"), onde as pessoas fingem ser o que não são, movidas pela vaidade? A conjuntura atual pode oferecer ótimos exemplos para o debate. Por exemplo, o modo como as redes sociais de fato propiciaram possibilidades variadas de encontros, redes solidariedade e comunicação em tempos de isolamento social, na pandemia de covid-19 em 2020. Mas o modo, também, como foram usadas para propagar *fake news* e informações contraditórias que prejudicaram a saúde pública. É importante que exercitem o debate sabendo respeitar diferenças, argumentos e opiniões, ao mesmo tempo em que fundamentam e sustentam suas próprias posições. Ao final, também vale pensar como o debate pode servir para uma possível intervenção crítica na realidade – envolvendo mudanças comportamentais, ou uma atitude mais interessada no bem-estar comum.

Desse debate, pode derivar um outro, mais amplo, sobre os desdobramentos da tecnologia de ponta no mundo atual. No item 6 do Aprofundamento, exploramos um pouco as implicações do que tem sido chamado de Quarta Revolução Industrial. Os alunos podem então realizar uma pesquisa em diferentes mídias (jornais, revistas, páginas e blogues, livros e publicações acadêmicas), orientada também pelos professores de ciências sociais. Os alunos poderão então analisar os diferentes discursos sobre o tema, na forma como aparece nas diferentes mídias sociais, identificando visões de mundo distintas, conflitos de interesse, ideologias e agendas políticas que os alimentam. Ao final, podem escrever uma reportagem investigativa tendo os avanços tecnológicos no século XXI como tema. **EM13LGG102; EM13LGG303; EM13LP20; EM13LP25; EM13CHS202; EM13CHS401; EM13CHS403; EM13CHS404; EM13CHS504**

APROFUNDAMENTO

INTRODUÇÃO

Nesta parte do manual, aprofundaremos diversos aspectos relativos à forma e ao conteúdo de *A sardinha ansiosa*, fornecendo subsídios para o trabalho com o livro. O intuito é auxiliar a leitura crítica, criativa e propositiva da obra de Ivan Jaf, estimulando o professor a explorar as potencialidades da escrita literária com seus alunos. Assim, trataremos tanto das convenções estilísticas e expressivas relacionadas à obra, como de uma gama de assuntos que a narrativa traz ou sugere. Para tanto, articulamos a leitura de *A sardinha ansiosa* a outras produções culturais, literárias ou científicas, bem como a aspectos relevantes da experiência individual e social dos alunos. A abordagem é multidisciplinar, e os conteúdos aqui discutidos relacionam-se às propostas de trabalho anteriormente sugeridas, podendo ser nelas aproveitados.

1. Ansiedade e medo

O tema central de *A sardinha ansiosa* é a ansiedade vivida pelo peixe. Seu sofrimento inicia-se depois que ela sobrevive a uma pesca de rede e acaba ficando sem cardume, vendo-se, pela primeira vez na vida, sozinha e desamparada. Antes, tudo era natural, automático:

> "Viver, para ela, era isso: seguir o cardume.
>
> A Sardinha havia nascido naquele cardume e, para procriar, se alimentar e defender dos predadores, bastava imitar o que as milhares de outras sardinhas ali ao lado estavam fazendo.
>
> Na realidade, ela quase nem se considerava uma sardinha. Não tinha muita noção de que era uma coisa separada do grupo.
>
> Ela *era* o cardume.
>
> Era feita para o cardume." (p. 11)

Considerando a própria anatomia da Sardinha, o modo como a natureza a fez, ficar sem o grupo equivale a perder tudo na vida, todo o senso de propósito e orientação, tanto literalmente como figurativamente. Neste ponto, é importante notar o modo como Ivan Jaf aproveita as características fisiológicas das sardinhas, explorando seus significados para a história. De fato, talvez possamos antes dizer que não por acaso Jaf escolheu contar uma história, cujo tema central é a ansiedade (além do processo de amadurecimento da sardinha, como veremos mais adiante), do ponto de vista de uma sardinha. Isso porque vários aspectos da natureza do animal e de seu grupo favorecem a caracterização do peixe como ansioso. Como exemplo, podemos pensar na forma como seus olhos estão dispostos, um de cada lado do corpo, "para ver o que as amigas ao lado estavam fazendo. Para que ter olhos na frente se quem decide para onde ir é o grupo?" (p. 11). Assim, quando está só, ela fica completamente desorientada: "Não sabia se virar sozinha, estava acostumada a guiar-se pelas outras. Não podia olhar para a frente. Era muito confuso procurar alguma coisa com cada olho olhando para um lado. Precisava de foco" (p. 13). Em suma, "ela não era ninguém sem um cardume" (p. 15). Cabe, portanto, apontar aos alunos esse aspecto de construção da obra, entre outros que vamos analisar, sempre procurando mostrar a intencionalidade do autor ao articular os diferentes aspectos da expressão literária.

Voltando à Sardinha, observamos que o sentimento de ansiedade e angústia, de que sua vida mudou completamente, de que não sabe mais como agir, instala-se de tal forma nela que, mesmo quando encontra outro cardume para seguir, já não é capaz de continuar naquele modo de vida. Ela se sente deslocada e inconveniente, não apenas quando tenta se juntar a outras

espécies, mas junto às próprias sardinhas. Agora, ela é uma sardinha *diferente*, que já não consegue se *encaixar* no grupo. Esse sentimento gera ainda mais ansiedade, provocando sintomas avassaladores na Sardinha: taquicardia, respiração ofegante, falta de ar, secura, desorientação espacial, mudanças de temperatura, convulsões. Junto aos sintomas físicos, um medo terrível, gigantesco, de absolutamente tudo e de nada ao mesmo tempo; o medo do próprio medo.

As crises vividas pela Sardinha são bastante características da síndrome do pânico. A síndrome costuma manifestar-se em crises de ansiedade agudas, que ocorrem de modo súbito, inesperado e aparentemente inexplicável. As crises são em geral curtas, mas marcadas por medo e desespero extremos, associados a sintomas físicos como palpitações, taquicardia, dor no peito (que pode ser confundida com infarto), sensação de falta de ar, asfixia, suores, ondas de calor e calafrios, tonturas e náuseas, tremores, entre outros. Como os ataques são inesperados e aleatórios, quem sofre com a síndrome vive com uma ansiedade muito grande, por antecipar as crises; esse estado de tensão propicia o surgimento de outras neuroses e fobias, como o medo de espaços abertos (agorafobia) ou fechados (claustrofobia). Frequentemente, quem tem síndrome do pânico acaba sofrendo também de depressão.

Quase todas essas características aparecem no comportamento da Sardinha. Os especialistas também alertam para que se saiba diferenciar os sintomas da síndrome do pânico, que é um tipo de transtorno de ansiedade, com a ansiedade normal que todos podemos sentir. Esta em geral liga-se a algum medo que tem fundamento na realidade, e é, segundo a descrição do doutor Drauzio Varella, "essencial para enfrentar os perigos reais que põem a sobrevivência em risco. Vencido o desafio, o sentimento é de alívio"[2]. Assim é o medo que a Sardinha tinha, por exemplo, quando "uma baleia queria nos pegar"; ou seja, o medo "quando era pra ter" (p. 33). A Sardinha enfrenta esse medo real e vence o perigo; mas seu sentimento final não é de alívio: "Comecei a ter esses medos-sem-motivo depois que fui engolida pela arraia-gigante-furadinha e vi o que acontece na nossa vida-após-a-morte!" (p. 33). Então, entra em cena a ansiedade patológica, que é "uma reação desproporcional ao estímulo que a desencadeia, causa sofrimento, altera o comportamento e compromete o desempenho até mesmo das atividades rotineiras das pessoas"[3].

O caráter imprevisível, inesperado, aleatório, e a sensação de morte iminente, são alguns dos aspectos que geram esse medo desproporcional em quem tem a síndrome. Assim como para os animais irracionais, o medo tem uma função de sobrevivência para os seres humanos. Temos medo daquilo que é potencialmente perigoso, daquilo que pode colocar nossa vida em risco, e isso é bom; ser excessivamente destemido pode ser desastroso. O problema, como em outros males psíquicos, é quando o medo domina a pessoa; quando perde a sua função primordial, a sua justa medida, e se torna indistinto e onipresente.

Esse estado de descontrole e falta de razão é percebido pela Sardinha a cada crise: "Por que tanto medo, se não corria perigo algum? Era um terror ainda pior do que sentira ao se debater na canoa, mas não havia motivo. Estava segura ali. Protegida." (p. 20); "O que estava acontecendo? Medo de quê? Não havia ameaça alguma em volta! O que estava acontecendo com ela, afinal?" (p. 21).

A desorientação e o sentimento de impotência diante de um estado de ânimo que não somos capazes de controlar e cuja causa não reconhecemos pode ter efeitos devastadores. Quando a Sardinha não vê saída para sua situação, avalia que seria melhor não viver do que seguir vivendo daquela maneira. Entre uma crise e outra, ela pensa que "o alívio entre duas ondas era insuficiente

2 e 3 Síndrome do pânico. Drauzio Varella. Disponível em: https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-do-panico/. Acesso em: 23 fev. 2021.

para fazer a vida valer a pena" (p. 23). Depois de ser expulsa pelo seu próprio cardume, de tentar se esconder, de buscar virar um bicho de toca, de ser repelida por diversos animais marinhos, ela conclui, exausta e deprimida, que "nada daquilo fazia sentido. Viver ansiosa? Com medo de tudo? Tendo crises de pânico? Procurando um buraco pra se esconder? Melhor não estar viva" (p. 28). Aqui, ela considera "aquela alternativa", o suicídio, que aparece, pela nomeação indireta, como assunto tabu para a Sardinha, que só emerge à consciência na situação limite, no desespero: "Sim, havia aquela alternativa. Desistir. Não era complicado" (p. 28).

Vemos então como Ivan Jaf aborda pelo menos três temas ligados à ansiedade que são ainda hoje tratados como tabu em muitos meios: síndrome do pânico, depressão e suicídio. Porém, talvez mais do que nunca, por conta das redes sociais e do compartilhamento intenso de informações, é preciso falar sobre esses temas com os jovens, justamente para esclarecer e prevenir. Além disso, embora o caso da Sardinha seja extremo (um medo anormal, paralisante, que vai além da ameaça e do perigo reais), a diferença entre o que ela sente e o que todos experimentamos vez ou outra é muito mais uma diferença de grau do que de qualidade. É por isso que, apesar da síndrome do pânico ser uma doença tão específica, assim como a depressão, os leitores em geral são capazes de identificar-se com os sentimentos e as peripécias da Sardinha.

O pensamento suicida, sugerido na página 28, seria a saída-limite para a crise; mas, após contemplar essa possibilidade e considerar algumas opções para se retirar da vida, a Sardinha felizmente rejeita sua própria ideia:

> "Não. Morrer não parecia uma coisa boa a se fazer. Mesmo no estado em que se encontrava, ela se *sentia*. Sentia-se mal, é verdade, mas talvez fosse melhor do que não se sentir. Ser ninguém ainda é melhor do que ser nada.
>
> Ela havia sido feita para viver.
>
> Não custava continuar com aquilo mais um pouco, para ver no que ia dar. E sempre havia a possibilidade horrível de depois de morta ter de passar toda a Eternidade dentro de uma lata, decapitada e rabicó, com mais duas desconhecidas. Aquilo, sim, seria definitivamente péssimo." (p. 59)

A saída se dá, então, primeiramente pelo exercício da razão e da reflexão, indicando que é preciso pensar e falar sobre o assunto. Ao lado do pensamento racional, surge o humor como recurso contra o aprofundamento do drama. Convém notar que Ivan Jaf é um escritor que utiliza muito bem o humor (e as figuras de linguagem a ele relacionadas, como a ironia) em seus livros, de modo muito bem dosado e articulado com o conteúdo mais denso ou dramático de suas narrativas.

Aqui, o humor aparece, por exemplo, na imagem da eternidade infernal como uma lata de sardinhas, que os peixes pensavam ser um dos lugares possíveis para o "além". O narrador onisciente usa o discurso indireto livre, portanto podemos inferir que esse ponto de vista é também o da Sardinha. Ela se aproveita do humor como modo de distanciamento daquilo que a aterroriza, mostrando que possui recursos internos importantes para lidar com sua angústia.

Essa mobilização dos recursos internos aponta para uma abordagem mais ampla da depressão, vendo-a não necessariamente como doença que deva ser tratada com intervenção médica e medicamentosa, embora muitas vezes seja esse o caso. Em outros contextos, porém, a pessoa identificada (muitas vezes autoidentificada) como deprimida não possui de fato a doença, mas experimenta estados de tristeza e melancolia. O fato é que vivemos numa época em que se busca o bem-estar, o sucesso e a felicidade como valores absolutos; diante disso, as disposições de espírito mais melancólicas são rechaçadas. O ritmo do capitalismo avançado leva a considerar como "improdutivos" ou contraproducentes certos estados da subjetividade mais introspectivos

e contemplativos. Assim, o pensamento hegemônico tende logo a tratar a tristeza e a melancolia como patologias, classificando-as como formas de depressão. Some-se a isso os interesses da indústria farmacêutica na venda massiva de antidepressivos e ansiolíticos. Daí que a abordagem dos estados depressivos deva ser ampla, não apenas pela via do tratamento psiquiátrico.

De qualquer forma, tanto o melancólico como o depressivo sofrem por se sentirem improdutivos, inúteis, incapazes de cumprir o imperativo de felicidade, alegria e sucesso, que surgem como uma espécie de ideal social de nossa época. Mas falar sobre o tema da depressão permite que tenhamos a possibilidade de pensar os estados de tristeza da alma como uma recusa da ideologia dominante, ainda que essa recusa seja inconsciente ou involuntária. Permite-nos ver o lado "positivo", por assim dizer, da melancolia e da tristeza. Porque o melancólico propõe, a seu modo, uma outra temporalidade, uma desaceleração na velocidade da vida contemporânea, que permitiria a expansão de aspectos fundamentais do mundo psíquico: a contemplação, a memória, o devaneio, a imaginação[4].

No caso da Sardinha, suas crises de ansiedade e pânico obrigam-na a parar, a rever seus padrões de vida, e a buscar novos modelos de existência e convivência. Ao sentir-se inadequada no cardume, ela denuncia as exigências competitivas do mundo das sardinhas, fazendo uma bela analogia com o comportamento de massas e a ideologia do trabalho-consumo que alimenta nossa sociedade.

O livro de Ivan Jaf oferece, assim, uma excelente oportunidade para que temas como a ansiedade, pânico, depressão ou tristeza sejam trabalhados com os jovens leitores. Se esses sentimentos e estados são mais comuns do que gostaríamos, não é calando sobre eles que os faremos desaparecer, assim como enfiar-se em um buraco não resolveria os problemas da Sardinha. Nossa personagem, ao contrário, viverá um processo em que poderá expressar-se, falar sobre aquilo que a atormenta, o que começa por lhe dar um imenso alívio, simplesmente por poder *compartilhar* suas dores. Quando falamos sobre nossos sentimentos, damos o primeiro passo para torná-los menos assustadores e trilhar o caminho de uma cura ativa e efetiva, que passa justamente pelo autoconhecimento, pelo encontro com a diversidade e a convivência com o outro.

2. Empatia e compaixão

A decisão da Sardinha de viver e enfrentar suas dificuldades talvez não fosse tão bem-sucedida na narrativa sem a presença da Tartaruga. O encontro entre as duas é fundamental. Ambas experimentam empatia e compaixão mútuas. A etimologia da palavra compaixão significa "sofrimento comum" ou "comunidade de sofrimentos", segundo o dicionário Houaiss. Já empatia, de acordo com o mesmo dicionário, refere-se à capacidade de se identificar com outra pessoa (querer o que ela quer, sentir o que ela sente etc.); na psicologia, é o "processo de identificação em que o indivíduo se coloca no lugar do outro e, com base em suas próprias suposições ou impressões, tenta compreender o comportamento do outro". É exatamente isso que vemos na relação das duas personagens. Uma é capaz de colocar-se no lugar da outra; ou, dito de outra forma, de colocar-se "junto" com a outra, ao lado da outra – ou mesmo "dentro" da outra, o que pode ser entendido figurativamente, mas também é literal porque a Sardinha se esconde no casco da Caretta.

Elas estão o tempo todo alternando os papeis de protetora e protegida: primeiro a Tartaruga acolhe a Sardinha quando esta já não sabe mais onde se esconder. Logo, a Sardinha salvará a Tartaruga da morte, ajudando-a a subir para respirar. Em seguida, a Sardinha desmaia, depois

4 Ver, sobre isso, o livro da psicanalista Maria Rita Kehl, *O tempo e o cão – a atualidade das depressões* (São Paulo: Boitempo, 2009), que comentaremos na Bibliografia Comentada.

acorda em pânico, e será novamente tarefa da Tartaruga acalmar sua nova amiga. A Caretta ensina a Sardinha a ter calma, a respirar, a falar pausadamente; mostra a ela que não precisa repetir os comportamentos que só têm razão de ser no cardume. Mais adiante, por sua vez, a Sardinha ajudará a Tartaruga a realizar seu sonho de ser mãe; para isso, terá de assumir papeis a princípio muito opostos a suas inclinações e capacidades, agindo como Implicante para manter as tartaruguinhas no grupo, por exemplo. A Sardinha percebe que o comportamento de cardume só faz sentido em determinados contextos; as próprias tartaruguinhas irão embora quando estiverem fortes e independentes o suficiente para sair sozinhas pelo oceano. É então que a Sardinha aprende "o interesse pela vida, pela aventura, por independência e liberdade". E aprende também que, assim como as tartarugas tinham seu valor, sua experiência individual de vida tinha também um valor *próprio*:

> "Cada uma era uma. Com suas manias, seus projetos, seus problemas particulares, suas decisões próprias.
>
> Tinha passado tanto tempo sem cardume... e sobrevivido! E até tendo ideias, ajudando a Tartaruga a realizar seu sonho-desejo-acordado. Grande vitória!
>
> Possuía personalidade e habilidades próprias.
>
> Era uma grande nadadora, rápida, ágil, pequena, não precisava subir para respirar, e leve, não tinha de carregar um casco pesado.
>
> Ela agora queria viver. Mais do que nunca". (p. 68)

Essa capacidade de autoestima e autovalorização é fundamental para a Sardinha, e já é sinal de sua transformação, sendo ao mesmo tempo causa e consequência do seu processo de cura. Afinal, um dos componentes importantes da depressão é justamente a sensação de incapacidade, de inutilidade. O deprimido não se sente apto a fazer nenhuma tarefa, desde as simples atividades cotidianas até realizações mais decisivas no âmbito do trabalho e das relações pessoais. Isso acentua seu desejo de retirar-se do convívio social e da vida. Inversamente, é também por ver-se útil, desempenhando um papel importante, que a Sardinha poderá curar-se, recuperando seu propósito e descobrindo um novo lugar no mundo.

É importante ressaltar que o lugar da Sardinha entre seus pares não era incondicional, mas estava garantido apenas na medida em que ela não destoava do grupo. No momento em que ela se torna "disfuncional", é logo rechaçada pelo cardume. Fazendo a analogia com a sociedade humana, e, mais especificamente, com a comunidade escolar, contexto próximo aos jovens leitores, sabemos que muitos experimentam a pressão de colegas para que correspondam ao tipo de comportamento de um determinado grupo, caso contrário não serão aceitos, ou serão recusados, como a Sardinha foi expulsa pela Implicante. A propósito, o nome "Implicante" e a respectiva função de vigiar e fiscalizar para que todas tenham o mesmo comportamento, lembram muito os episódios de *bullying*, tema bastante atual nas escolas e nas redes sociais.

O termo tem origem na língua inglesa, na palavra *bully*, que significa algo como "valentão"; o *bullying* seria a prática de intimidação e agressão constantes por esse valentão sobre outra pessoa, em geral em situação de desigualdade. As intimidações e agressões sempre existiram no ambiente escolar, mas o uso do termo *bullying* é relativamente recente no Brasil.

De uns anos para cá, o *bullying* virou assunto batido em reportagens, livros, debates. Mas a palavra se popularizou de tal forma que passou a ser usada de modo indiscriminado e, com isso, teve seu sentido esvaziado. A psicóloga Rosely Sayão alerta para essa banalização do conceito. Segundo ela, qualquer conflito na escola, hoje em dia, é considerado *bullying*, e o maior medo dos pais é que seus filhos sofram com isso. Mas ela lembra que os conflitos, brigas, disputas entre crianças e jovens sempre aconteceram no

ambiente escolar, e não são, na maioria das vezes, casos de *bullying*. Segundo Sayão, "O verdadeiro *bullying* só acontece em situações em que os mais novos se encontram por conta própria, sem a companhia e a tutela de adultos, sem ainda ter condições para tal. Caro leitor: se você tem filhos, não os prive da companhia de colegas diferentes no comportamento, na idade etc. Esses relacionamentos, mesmo conflituosos, são verdadeiras lições de vida para eles que, assim, aprendem a criar mecanismos de defesa, a avaliar riscos e, principalmente, a reconhecer as situações em que precisam pedir ajuda."[5] O papel da escola nos casos de desentendimentos e agressões é mediar os conflitos, ensinando as crianças e jovens a resolvê-los e a lidar com as diferenças. Só assim elas poderão amadurecer, com liberdade e autonomia para construir a sua própria identidade sem necessidade de perceber o outro, o diferente, como uma ameaça constante. O problema, ainda de acordo com o diagnóstico de Sayão, é que "a instituição de ensino está ausente e preocupada só com conteúdo, não ensina as crianças a se relacionar"[6].

A leitura de *A sardinha ansiosa* oferece, portanto, uma excelente oportunidade para se discutir e refletir sobre o respeito às diferenças, notando sobretudo a abordagem não convencional do tema: o *diferente* pode ser objeto de preconceito, sofrendo de modo passivo, mas não é necessariamente frágil. Ele pode ser forte o suficiente para agir como protagonista de mudanças, do outro e de si mesmo, como vimos. No livro de Jaf, a Tartaruga (um ser nada familiar e, a princípio, assustador) acolhe e acalma a Sardinha, para que esta possa despertar e mobilizar seus próprios recursos internos para melhorar e mudar de vida.

Assim, o leitor se dá conta de que as identidades individuais e também as relações entre os diferentes indivíduos são mais dialéticas e contraditórias do que muitas vezes se acredita. Na indústria do entretenimento e nos meios de comunicação da sociedade de massas, é comum a criação de falsas categorias e identidades estanque, supostamente "ideais", que dividem as pessoas em bem-sucedidas e malsucedidas, em ganhadoras e perdedoras, em felizes e infelizes, alegres e tristes. Os discursos "motivacionais" e de autoajuda, em geral, acenam com soluções fáceis para a realização do que se considera bom e desejável, e tentam eliminar o desconforto e a angústia existencial que são, muitas vezes, incontornáveis. Isso pode gerar a sensação de fracasso e cada vez mais ansiedade. A narrativa de Jaf mostra que ninguém é totalmente feliz nem infeliz; que ninguém está totalmente mal nem totalmente bem; e que justamente o reconhecimento das áreas cinzentas de nossas personalidades e sentimentos podem fazer com que tenhamos mais solidariedade, empatia e identificação com o outro, criando assim uma realidade mais confortável para que todos possam minimizar suas angústias e aproveitar a vida.

O livro termina com a Sardinha conhecendo outras sardinhas desgarradas, com experiências semelhantes à sua. Assim, ela descobre que a empatia também pode vir dos seus; que ela não é a única de sua espécie a não se encaixar na vida do cardume.

3. Indagações filosóficas

O cardume representa a vida instintiva e mecânica da Sardinha. Se esta fosse a história de animais irracionais, essa seria uma observação puramente literal, já que a vida dos animais selvagens gira em torno à necessidade de sobrevivência, resumindo-se a uma luta por comer e

5 *Bullying* não é nada disso. *Folha de S.Paulo,* 10 maio 2011. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1005201114.htm. Acesso em: 23 fev. 2021.

6 Rosely Sayão: A instituição de ensino não sabe lidar com conflitos. Por isso, muitas vezes, não quer alunos questionadores. *Revista Crescer*. Disponível em: http://revistacrescer.globo.com/Criancas/Escola/noticia/2016/09/rosely-sayao-intituicao-de-ensino-nao-sabe-lidar-com-conflitos-por-isso-muitas-vezes-nao-quer-alunos-questionadores.html. (Entrevista). Acesso em: 23 fev. 2021.

não ser comido. Contudo, esta é a história de animais personificados, aos quais são atribuídas características e linguagem humanas (a figura de linguagem que nomeia esse movimento é a prosopopeia). Assim, a vida das sardinhas e dos outros animais marinhos surge como uma alegoria da vida humana e de sua organização social, na qual o trabalho possui lugar central para a maioria esmagadora das pessoas, que trabalham (ou procuram um emprego) para ganhar um salário que lhes permita manter suas necessidades básicas: alimentação, vestuário, saúde.

Como descreve o filósofo alemão Joseph Pieper (1904-1997), o mundo cotidiano do trabalho é "o mundo da utilização, da serventia a fins, do rendimento, do exercício de funções; trata-se do mundo da necessidade e da renda, o mundo da fome e do modo de saciá-la. O mundo do trabalho é dominado pelo objetivo de realização da 'utilidade comum'. É mundo do trabalho na medida em que trabalho tem o mesmo significado de atividade útil"[7].

No caso das sardinhas, o trabalho e a utilidade comum se expressam em seu comportamento de cardume, em que uma imita a outra para manter a coesão do grupo e sobreviver. Elas agem sem pensar na necessidade e no propósito de seus atos, mais ou menos como muitas pessoas que vivem para trabalhar e consumir, sem questionar a própria existência:

"Ela não era ninguém sem um cardume. Uma coisa completamente despreparada para ficar sozinha. Não sabia o que fazer. Mas também não sabia ficar parada.

Desde que nascem até que morrem, as sardinhas não ficam paradas nem um minuto. Nem dormem, só descansam: pequenos momentos de letargia, em que continuam nadando por impulso automático, arrastadas pelo cardume, deslizando no muco coletivo. sardinhas nunca fecham os olhos. Nem têm pálpebras." (p. 15)

Esse ritmo frenético e ininterrupto tem consequências também para o modo como as sardinhas tentam se comunicar, repetindo cada fala diversas vezes:

> **"Como a movimentação é constante dentro de um cardume e as sardinhas trocam o tempo todo de lugar, isso impede as conversas longas e tranquilas. Então elas repetem tudo, ao mesmo tempo, como se fosse uma conversa de ecos. A comunicação entre as sardinhas, portanto, é uma completa balbúrdia, com todas falando sozinhas e juntas ao mesmo tempo, e no fundo ninguém prestando atenção em ninguém." (p. 31)**

A descrição dessa interação social poderia muito bem-estar em uma história sobre humanos tentando se relacionar em meio à correria do dia a dia, ao uso de celulares e *tablets*, ao bombardeio de informações fragmentadas e simultâneas, ao excesso de ruídos. Muitas vezes, temos a sensação de que é mais fácil falar do que ser ouvido; de que todos querem se "colocar", aparecer, compartilhar, mas que ninguém de fato lê, escuta, aprecia a fala do outro. O verdadeiro diálogo (as "conversas longas") e o compartilhamento de experiências estão em baixa, e por isso a interação precária (ou a falta de "relações duradouras") entre as sardinhas pode ser vista como uma alegoria da incomunicabilidade e do individualismo no mundo contemporâneo.

O problema, identificado por Pieper, é que o mundo do trabalho ocupa praticamente todo o tempo das pessoas, e também seu espaço interior. Admite apenas as pausas legitimadas pelo próprio sistema – como o lazer propiciado pelo entretenimento de massas, as mídias sociais, a televisão, o cinema, tudo muito breve e submetido à lógica da produtividade e do consumo. Não sobra lugar para o exercício da atividade intelectual livre (no sentido de não utilitária), para o devaneio, para o sonho, para a verdadeira arte, todos aspectos fundamentais da natureza humana plena.

7 PIEPER, Joseph. *Que é filosofar?* Trad. Francisco de A. P. Machado. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

Por isso o filosofar, de acordo com Pieper, "é um ato que transcende e ultrapassa o mundo do trabalho"[8]. Sua essência é oposta às demandas de eficiência, utilidade, rendimento. Mas não só a filosofia tem essa potência. O mesmo se passa com as autênticas experiências místicas e amorosas, com a verdadeira arte e com a poesia, que, assim como a filosofia, desestabilizam a lógica do trabalho. Pieper acrescenta ainda um possível elemento dissonante, que tem muito a ver com nosso livro: a experiência da proximidade da morte e o profundo abalo existencial que ela ocasiona (poderíamos até dizer, glosando a frase de Rousseau, que é à filosofia que nos força a adversidade).

No senso comum, diz-se que quem passa por essa experiência-limite, vê "a vida inteira passar diante dos olhos". O que isso significa? Que, diante do fim iminente, o sujeito "re-vê", com outro olhar, sua vida pregressa e atual, procurando dar um sentido final a sua existência, para que não tenha sido em vão. Caso sobreviva, é esse momento oportuno que abre a possibilidade de questionar e, quem sabe, modificar a vida.

Mas esse movimento de revisão não é racional, ordenado e consciente, muito pelo contrário. É assim com a Sardinha: ela escapa da morte, mas o que vem em seguida não é uma certeza de que deve deixar de servir ao grupo – e à "utilidade comum" – para trilhar seu próprio caminho, um caminho de *liberdade*, no sentido de ser oposto à *utilidade*. Ela não consegue mais se encaixar no grupo, porque algo mudou dentro de si, mas a liberdade é assustadora, vasta e profunda como o oceano. O novo vem carregado de dúvida, ansiedade, tristeza, medo. Mas é essa situação conflituosa que leva nossa personagem a formular as típicas questões filosóficas sobre os sentidos do ser e do mundo. A dúvida é a atitude filosófica por excelência: por que agimos desta ou daquela maneira? Será que o que me ensinaram é verdade? É possível existir de outra forma? De onde viemos e para onde vamos? Quem sou eu, afinal?

Diversos trechos do livro assinalam esse caminho de questionamentos e descobertas. Primeiro, logo que a Sardinha escapa da morte, e se reconhece, estranhamente, como indivíduo: "Até que acontece alguma coisa diferente... *só* com você... Tipo escapar de um anzol ou do bico de uma gaivota... Tipo ser pega por uma arraia-gigante-furadinha, ver suas colegas morrerem, descobrir que a vida após a morte será passada dentro de uma lata, com outras duas, todas sem cabeça e sem rabo, e sobreviver a isso tudo... Aí você se torna uma Sardinha *diferente*.

Começa a se fazer perguntas que não têm respostas. Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Por que estou aqui? Existe uma Sardinha Superior, criadora de todas as coisas?" (p. 17).

A partir daí, ela nunca mais será a mesma. E suas reflexões e revisões sobre a própria natureza irão aprofundar-se cada vez mais, tornando-se mais complexas:

> "Se você é uma sardinha, a clássica questão 'Quem sou eu?' geralmente não faz sentido. Ela não precisa ser nada, só imitar as outras. E as outras duas questões, 'De onde venho?', 'Para onde vou?', não são difíceis de responder: elas vêm e vão de acordo com o cardume. Não precisam pensar no assunto.
>
> Uma sardinha sem cardume não tem nada a que se apegar e fica com a profunda sensação de que deixou de existir. O que ela vai fazer com todos os seus instintos gregários? O corpo dela foi feito para interagir socialmente. De que servem as duas linhas laterais sem sardinhas ao lado? Qual o sentido de excretar muco sozinha?" (p. 24)

A Sardinha está de fato pensando sobre questões complexas e antiquíssimas, como a relação entre natureza e cultura; entre comportamentos herdados e escolhidos; entre determinação e autonomia; sobre a função do ser; sobre o ser e o nada. Mais que isso, ela tem a *autoconsciência*

8 PIEPER, *op. cit.*, p. 9.

de estar refletindo, pensando, para além do que as sardinhas costumam fazer. Cada questão puxa a outra, de modo que o desejo de conhecimento é infinito, desdobrando-se em inúmeras outras questões. Essa infinitude é, por um lado, maravilhosa; e não custa lembrar que a admiração e o maravilhamento se encontram na origem também do filosofar, desde Sócrates e Platão: o filósofo é aquele que olha de *outra forma* para o mundo e os seres, querendo conhecer melhor aquilo que os outros nem notam, ou distanciando-se das "interpretações correntes, das valorações corriqueiramente válidas" das coisas do dia a dia[9].

Por outro lado, contudo, esse admirável mundo novo é também assustador, assim como a luz ofende e cega aquele que sai da escuridão de uma caverna ao encontro do sol. O mundo é agora muito mais amplo e diverso, há muito mais que aprender e fazer do que antes, muitas decisões a tomar; a Sardinha tem, agora, autonomia e também responsabilidade:

> "Mas ela nunca havia tomado uma decisão particular antes. Nem sabia como fazer isso. Sem o cardume, o tamanho do mar tornava-se insuportável. Aquela massa de água que não acabava nunca provocava uma sensação de desamparo esmagadora. Quem era ela diante daquilo tudo? O que era ela? Para onde ir? Por que ir?" (p. 25)

Com a Tartaruga, a Sardinha aprenderá, primeiramente, a manter a calma diante da nova situação; assim, ela percebe que não precisa mais repetir tudo o que diz, simplesmente porque "falamos assim": "Porém ali a vida parecia ser tão isolada, calma e silenciosa que bastava falar uma vez só. Era muito bom dizer as coisas uma vez só. E era ótimo sentir que alguém prestava atenção. Nem que fosse uma toca" (p. 31). Aqui, modifica-se também a capacidade de narrar e de escutar; a capacidade das personagens compartilharem experiências entre si.

Em um estudo famoso sobre a arte de narrar[10], o filósofo alemão Walter Benjamin (1892--1940) mostra que a tarefa de contar histórias e compartilhar conhecimento está tradicionalmente nas mãos de dois tipos: o marinheiro e o camponês. Eles representam dois estilos de vida: o primeiro, comerciante, viajou pelo mundo, trazendo histórias e saberes de lugares distantes e diversos. O segundo, sedentário, nunca deixou sua terra, transmitindo as tradições e histórias de um país, de uma região, que conhece profundamente. Os dois tipos de narradores podem misturar-se; e ambos têm um papel pedagógico, porque suas histórias costumam ter uma dimensão utilitária, podendo vir na forma de um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio. Afinal, como diz Benjamin, "o narrador é um homem que sabe dar conselhos"[11].

Já nos anos de 1930, quando escreveu seu ensaio, Benjamin identificou os narradores tradicionais como tipos em extinção, justamente porque ninguém mais está apto a dar ou receber conselhos. Mais que isso, as formas comunitárias e coletivas de vida foram substituídas pelo individualismo burguês. De modo correspondente, a narrativa oral foi substituída pelo romance, forma literária que surge no século XVII e tem sua ascensão na Inglaterra do século XVIII, popularizando-se graças à consolidação da burguesia. A narrativa oral é feita em grupo; o livro impresso é destinado cada vez mais à leitura solitária. A primeira tem a função de ensinar e guiar, o segundo, não. Em termos mais amplos, enfim, o conhecimento é substituído pela informação mais imediata e descartável.

---

9 PIEPER, *op. cit.,* p. 40.

10 BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. *Obras completas*: magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. I.

11 *Idem, op. cit.*, p. 200.

Na história de Jaf, a tartaruga é mais experiente, tanto por sua longevidade como por suas viagens, e por isso pode encarnar essa função do narrador sábio. Assim, conforme a relação entre ela e a Sardinha se aprofunda e o diálogo engrena, a Tartaruga vai contrapor uma outra narrativa às crenças infundadas e mitos que povoam o imaginário das sardinhas. Por já ter saído do mar para o mundo dos homens (afinal, ela é um réptil), a Tartaruga sabe que a "arraia-gigante-furadinha" é apenas a tarrafa que o "bicho-da-terra" chamado "pessoa" usa para pescar. Em seguida, ela explica à nova amiga o que são latas de sardinha, como elas são colocadas lá dentro e por quê, mostrando que a crença da Sardinha sobre uma terrível vida-após-a-morte está completamente equivocada (capítulo 11).

A Sardinha vai então percebendo que é possível compreender a natureza e a sociedade de uma forma menos assustadora. Mais que isso, ela descobrirá que uma outra vida é possível. A diferença não é que as necessidades básicas da vida não precisem mais ser contempladas, que as questões de sobrevivência tenham sido eliminadas, mas que viver vai além disso. O trabalho, a alimentação, a reprodução e as funções sociais possuem agora um sentido específico e não ocupam mais espaço do que o necessário. Ela não vive exclusivamente para trabalhar, comprimida pela necessidade.

O final do livro conjuga as transformações ocorridas na percepção da Sardinha sobre ela mesma e sobre o mundo. Com seu novo amigo sardinha, ela comenta: "Eu nem sabia que podia *ser* alguma coisa. No cardume somos todas iguais" (p. 62). Em seguida, sai para pegar umas ondas com seu novo amigo. A vastidão, que antes era assustadora, é agora promissora.

4. Natureza e cultura

O trecho final do livro, citado mais acima, nos faz pensar sobre o que se considera "natural" e o que se considera "cultural"; o que é herdado ou hereditário e o que é escolhido, arbitrário. Quando seu novo amigo pergunta se ela não sente falta de suas companheiras, a Sardinha responde que às vezes sim, porque "É natural. Afinal, somos sardinhas". Ele então faz uma consideração sobre o lado bom do cardume, como ter companhia; e a sardinha concorda, comentando que "ficar sozinha o tempo todo é uma espécie de exagero" (p. 62-64). Em seguida, notando a maré alta, convida a amiga para pegar umas ondas.

Vemos que estão em diálogo nesse trecho as noções de natureza e cultura. Por um lado, há elementos *dados*, que fazem parte do modo de ser próprios das sardinhas como *grupo*, como espécie: uma característica importante é seu comportamento gregário, por isso sentem falta de companhia. Por outro lado, o amigo da Sardinha, que, como ela, decidiu abandonar o cardume, encontra um recurso para driblar a solidão, que é *construído* e é próprio de seu modo de ser como *indivíduo*: pegar ondas com a nova amiga, com a qual encontra diversas afinidades.

O par natureza e cultura é um assunto clássico da antropologia, da sociologia, do direito e da filosofia. Tradicionalmente, argumenta-se que a natureza é um *dado*, algo que existe anteriormente e de modo independente ao homem, e que a cultura é uma *construção* humana (material e imaterial), capaz de modificar a natureza[12]. Contudo, essa distinção clássica tem sido problematizada e revista há tempos pelas diversas disciplinas teóricas, sobretudo pela antropologia, que parece hoje mais preocupada em evitar a separação dualista entre natureza e cultura, em favor de uma perspectiva que coloca esses dois polos em relação[13]. Essa perspectiva relacional

12 Tradicionalmente essa divisão inclui, nas palavras do antropólogo Felipe Sussekind, "a demarcação de diversas oposições complementares: corpo e alma, ambiente e civilização, fato e valor, animal e humano, entre outras". Desde os anos de 1970, porém, essa divisão conceitual tem sido questionada e reformulada. Em "Natureza e Cultura: sentidos da diversidade". Felipe Sussekind. Revista Interseções. V. 20, n. 1 (UFRJ, 2018).

13 Cf. o texto da antropóloga Els Lagrou, profa. da UFRJ: "*Nisun*: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o

pode ser útil para pensarmos alguns aspectos do livro de Ivan Jaf, revelando os diálogos e ambiguidades do par natureza/cultura em *A sardinha ansiosa*.

No seu processo de autoconhecimento, a Sardinha vai se tornando cada vez mais "humana" e menos animal; ou seja, vai se aproximando cada vez mais dessa noção de cultura, e da ideia de que é possível transformar o mundo e a si mesma. Ela vai aos poucos percebendo que não precisa se conformar ao modo de vida da maioria das sardinhas, que pode trilhar um caminho independente; e isso é confirmado no final do livro, no encontro com a outra sardinha, que já aprendeu a ser livre.

Esse desejo de transformar-se, de reinventar-se, está também na Tartaruga. Logo que ela entra na história, consegue acalmar e salvar a Sardinha pela segunda vez recorrendo a técnicas humanas:

> "A maneira como estava segurando a Sardinha na boca lembrava as pessoas, com seus filhotes no colo. Eles chamavam aquilo de ninar.
>
> Talvez, se embalasse a Sardinha... assim... para cima e para baixo... bem devagar... cantando baixinho uma canção... como as pessoas faziam...
>
> 'Nana... Neném, que a cuca vem pegar... Papai foi na roça...'" (p. 37)

De fato, veremos que o maior sonho da Tartaruga é ser mamífera, porque ela deseja poder acalentar, proteger e cuidar de seus filhotes como os mamíferos fazem. Ela não aceita o fato, a princípio inevitável, de que vários dos seus filhotes morrerão ainda em seus ovos ou logo depois do nascimento, ao tentarem a árdua caminhada dos ovos para o mar. Por isso, desabafa: "Não suporto mais botar ovos. Não aguento mais. É terrível. É sempre uma tragédia. Eles ficam longe de mim. Não posso protegê-los. Quando meus filhos nascem, estão sozinhos, desamparados... são comidos por outros bichos! Já perdi ninhadas inteiras. É insuportável!" (p. 41)

Ao desabafar, a Tartaruga está se insurgindo contra sua própria natureza, contra seu próprio ciclo reprodutivo. A cada temporada de reprodução, uma mesa fêmea pode realizar de 3 a 13 desovas, com intervalos; e cada ninho contém em média 120 ovos. Dessa grande quantidade, poucos sobreviverão, porque as tartarugas possuem de fato poucos recursos para proteger seus filhotes:

> "A única possibilidade das fêmeas para proteger os filhotes é a camuflagem do ninho, após a postura. As tartaruguinhas já nascem independentes, mesmo sendo tão pequenas e frágeis, medindo apenas entre 3,5cm e 4cm de comprimento de casco. Muitas são devoradas por siris, aves marinhas, polvos e principalmente peixes. Outras morrem de fome e doenças naturais. Estima-se que, de cada mil filhotes, apenas um ou dois atingem a idade adulta. Mas, quando isso acontece, poucos animais conseguem ameaçar as tartarugas, à exceção de tubarões, orcas – e o homem"[14].

À sua maneira, a Tartaruga descreve esse ciclo angustiante para a Sardinha, e defende o que acredita ser a superioridade dos mamíferos: "A mãe mamífera é o próprio ovo! Seus filhotes se desenvolvem dentro dela. Ela pode protegê-los. E, depois que nascem, ela pode cuidar deles até crescerem e ficarem fortes pra enfrentar o mundo. E mais. Ela sabe que o filho é dela. Não veio de um ovo enterrado na areia ou jogado no meio de um cardume. Quer mais? As mamíferas fabricam o alimento do filhote também dentro delas! Os filhos mamam. É perfeito demais!" (p. 42)

---

novo coronavírus". Blog da BVPS. Disponível em: https://blogbvps.wordpress.com/2020/04/13/nisun-a-vinganca-do-povo-morcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-corona-virus-por-els-lagrou/. Acesso em: 23 fev. 2021.

14 Sobrevivência. Projeto Tamar. Disponível em: https://www.tamar.org.br/interna.php?cod=97. Acesso em: 13 abr. 2020.

Mas a Tartaruga sabe que não há meio de se tornar mamífera, e acrescenta: "E, se houver, o processo é muito lento. As pessoas chamam de 'evolução'. É uma necessidade que os bichos têm de mudar. Veja o caso das baleias. Elas estão querendo sair da água há milhões de anos, chegam a morrer encalhadas nas praias, e até agora só o que conseguiram foi colocar o nariz no alto da cabeça" (p. 42).

Aqui, a Tartaruga evoca a teoria da evolução elaborada pelo cientista britânico Charles Robert Darwin (1809-1882), uma das mais importantes teorias científicas modernas. Na sua obra mais famosa, *A origem das espécies* (1859), Darwin propõe uma explicação estritamente científica para a existência da enorme variedade de seres vivos, muitos dos quais ele observou e estudou viajando por diferentes partes do mundo. Darwin descreve então o surgimento, a evolução e o desaparecimento de espécies, baseando sua explicação em dois fatos: as variações orgânicas, que produzem a diversidade entre as espécies e acontecem de modo mais ou menos aleatório na natureza, sob influência das condições ambientais; e a competição pela sobrevivência, que seleciona os seres que se mostram melhor adaptados ao seu meio ambiente, ou seja, cujas variações orgânicas são mais favoráveis à sobrevivência. Esse último ponto ficou conhecido como "seleção natural", e é justamente a capacidade de sobrevivência das espécies mais adaptadas. Os traços e modificações que se mostram vantajosos na luta pela sobrevivência são passados às gerações seguintes de uma determinada espécie, garantindo sua evolução. Já as espécies que não apresentam modificações vantajosas, ou cujas características redundam em derrota na competição da vida selvagem, acabam em geral por extinguir-se em algum momento.

Por mais que a tartaruga tenha desejos e problemas muito humanos (e, portanto, mamíferos), esses se manifestam de acordo com sua natureza de tartaruga: como o choro que é um "muco triste"; a crise de identidade que ela atribui ao fato de ser réptil; a depressão que é pré-parto, e não pós-parto. Além disso, nenhum desses problemas é em si prejudicial à perpetuação de sua espécie; nem mesmo a morte de muitos filhotes para que um apenas chegue à idade adulta. Ou seja, para que a tartaruga desenvolvesse características reprodutivas semelhantes aos mamíferos, milhões de anos teriam de se passar; e, mais que isso, essas características teriam de se provar úteis, vantajosas para a perpetuação da espécie.

Para contornar o fato biológico, natural, a Tartaruga se vale de um recurso racional, de uma decisão da vontade, da ordem da construção cultural: ela requisita a ajuda da Sardinha que, com suas habilidades adquiridas na vida em cardume, pode conseguir manter as tartaruguinhas vivas e unidas até que tenham maturidade para ter suas vidas independentes.

Assim, a Sardinha viverá esse confronto, ou ambiguidade, entre natureza e cultura, fazendo reflexões como esta: "É muito difícil criar instinto de cardume em quem não tem. Tartarugas não nasceram para isso. Já saem dos ovos independentes e com casa própria" (p. 55). Apesar das dificuldades, ela conseguirá vencer o instinto com a vontade, e converter o bando de tartarugas solitárias em um cardume. Pela primeira vez na vida, a Tartaruga não pede nenhum filhote, e sente a felicidade de ser "praticamente uma mamífera" (p. 56). No final, ela deixará os filhotes partirem, e partirá também, de volta ao mar aberto, "como sempre fizera. Desapegar-se. Deixar os filhos viverem suas próprias vidas. O casco não precisa ser sempre casa. Pode ser mochila" (p. 59).

O que vemos, enfim, na história da tartaruga é que ela faz uma trajetória em que se alternam o poder da natureza e a vontade de modificá-la. No fim das contas, ela consegue pelo menos experimentar a sensação de ser mamífera, vivendo um pouco os dois lados da moeda. Com a Sardinha, se passa algo parecido. Ela primeiro vive baseada só no seu instinto de cardume. Depois vem a crise e ela tem de reaprender a viver sozinha, a redesenhar o mundo ao seu redor. No final, já em paz consigo mesma, com sua nova identidade, ela reflete novamente sobre seu propósito:

> "Ela agora queria viver. Mais do que nunca.
> Havia sido feita para isso: viver. Cumprir seu destino.
> Restava a dúvida: ficar por ali ou partir para o grande mar?
> Precisava tomar uma decisão. Isso agora já não a assustava. Para decidir, sozinha, bastava pensar nas alternativas e escolher uma. A que parecesse melhor. A que a deixasse mais feliz" (p. 60)

Misturam-se aqui, novamente, as noções de natureza e cultura. A Sardinha já não pensa em desistir da vida (atitude que vai contra a natureza), mas, ao contrário, reclama seu destino natural; mas este tampouco significa apenas *sobreviver*, e sim *viver.* Viver tomando decisões *sozinha*, e tendo como objetivo a *felicidade*, que é uma construção cultural por excelência. Todo o desejo de modificar a natureza, aliás, é característico do ser humano: basta pensarmos em todas as invenções que permitiram ao homem, por exemplo, voar, mergulhar, saltar, andar e correr mais rápido etc.

Para além da ficção, a dicotomia entre utilidade e arbitrariedade, sendo a primeira um princípio biológico e a segunda uma característica de grande parte do fazer humano, tem sido questionada por diversos biólogos.

É bem conhecida e difundida a ideia de que a beleza de determinadas espécies, notadamente de seus machos, não é simplesmente decorativa, mas tem uma função na perpetuação da espécie. Os chamados "ornamentos sexuais" de muitos machos, por exemplo, seriam um tipo de código indicador de suas qualidades como reprodutor, tais como força, inteligência, saúde, agilidade etc. Essas características determinariam a escolha das fêmeas no momento de acasalar, garantindo maior sucesso na sobrevivência dos filhotes, que herdariam os melhores genes.

Essa ideia está, sim, na teoria de Charles Darwin; porém, ele tampouco determinou que o vínculo entre estética e sobrevivência fosse uma lei geral e irrestrita. Há uma parte de seus escritos sobre animais experimentarem a beleza como algo em si mesmo, e sobre como essa arbitrariedade ou capricho seria capaz de modificar e moldar muitas espécies. Esse lado de suas teorias nunca foi muito valorizado, mas estudos recentes têm investigado a possibilidade de certas espécies apresentarem traços de exuberância ou beleza que não teriam nenhuma função ou utilidade específicos – muitos, ao contrário, seriam inclusive contraintuitivos ou custosos do ponto de vista da evolução. Biólogos contemporâneos, como os norte-americanos Richard Prum e Michael Ryan, argumentam que a beleza não necessariamente existe para representar genes vantajosos, mas que as preferências dos próprios animais são arbitrárias, e essa arbitrariedade tem causas complexas[15]. Esses novos estudos estão preocupados em investigar essa complexidade a fundo, procurando inclusive entender como os animais percebem e experimentam seu *habitat* – e não apenas como seu *habitat* e seu estilo de vida moldam sua fisiologia. As explicações causais para a seleção natural podem não ser, portanto, tão explícitas. Ou seja, há mais forças em ação na teoria da evolução do que o modo como essa teoria se consagrou de modo mais abrangente.

Assim, os anseios da Sardinha por liberdade, fruição, prazer e beleza a aproximam dos humanos, mas também daquilo que, em qualquer espécie, não possui uma explicação unívoca ou óbvia.

15 Os livros de ambos, ainda não traduzidos para o português, são comentados na reportagem de Ferris Jabr, "A beleza e a evolução", publicada da *Revista Piauí*, edição 162, março 2020 (p. 50-56).

5. Uma novela de formação

A narrativa de Ivan Jaf, apesar da forma mais curta, remete aos romances de formação, uma espécie de subgênero literário. Antes, porém, de entendermos o que é um romance de formação, é interessante pensarmos um pouco sobre a forma novela.

A novela é em geral considerada, em termos de extensão, um intermediário entre o conto e o romance; não sendo nem tão curta, nem tão longa. A classificação dos gêneros não depende de um número preciso de páginas; embora a extensão seja levada em conta, outros fatores são tão ou mais importantes, como a forma de construção e desenvolvimento de instâncias como tempo, espaço, personagens, conflito.

O escritor argentino Julio Cortázar (1914-1984), no conhecido texto "Alguns aspectos do conto"[16], faz uma analogia entre o par conto/romance e o par fotografia/cinema. Assim como num filme, o romance teria uma abertura maior a uma série de aspectos: mais personagens, sobreposição de temporalidades ou duração temporal maior; ação se desenrolando em diversos espaços; desenvolvimento de mais de um conflito; inclusão de aspectos menos importantes ou acessórios na narrativa. O romancista dispõe de tempo para, progressivamente, ir acumulando efeitos no leitor, chegando eventualmente a um clímax. Já um contista deve ir direto ao ponto, por assim dizer: um outro autor citado por Cortázar teria comparado os gêneros literários ao boxe, dizendo que o romance ganha por pontos, ao passo que o conto ganha por nocaute. Um bom conto deve ser "incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases"[17]. Existe, portanto, uma intensidade e uma tensão concentradas no conto. O limite físico desse gênero assemelha-se ao limite da "moldura" fotográfica; contista e fotógrafo são obrigados a fazer um recorte. Mas é um recorte que deve ser significativo e intenso o suficiente para provocar no leitor (ou espectador, no caso da foto) "uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto"[18].

E a novela? Cortázar não está de fato preocupado em definir esse gênero, dizendo apenas que a noção de limite físico é tão importante para o conto que, "na França, quando um conto ultrapassa as vinte páginas, toma já o nome de *nouvelle*, gênero a cavaleiro entre o conto e o romance propriamente dito"[19]. Não é à toa que Cortázar cita a denominação em francês: foi na França que o gênero foi primeiramente batizado (no século XV) e onde a novela teve sua tradição mais rica ao longo do tempo, e também o seu renascimento, no século XIX, com autores como Balzac, Maupassant, Zola, entre outros. Mas o desinteresse de Cortázar para com o gênero revela, também, que, de fato, é muito difícil defini-lo, mesmo para os especialistas. O crítico literário francês Yves Stalloni (1944), no livro *Os gêneros literários,* começará citando a definição de dicionário do termo "novela" para em seguida comentar: "Sente-se nessa frase a dificuldade em definir rigorosamente esse gênero"[20]. Basicamente, a definição do dicionário francês *Robert* elenca os mesmos pontos que já mencionamos a propósito do conto: narração breve, unidade de ação, poucos personagens "cuja psicologia só é estudada à medida que reagem ao acontecimento que constitui o centro da narrativa"[21]. Mais adiante, Stalloni dirá ainda que a novela é um gênero fugidio, cujos limites são vagos e que por isso tende muitas vezes a confundir-se com o conto – no que se aproxima de Cortázar.

16 *In Valise de Cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo, Perspectiva, 2006. p. 147-163.

17 *Idem*, *op. cit.*, p. 152.

18 *Idem*, *ibidem*.

19 *Idem, op. cit*, p. 151.

20 STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro, Difel, 2001. p. 112.

21 Dicionário *Robert*, *apud* STALLONI, *op. cit.*, p. 112.

Assim, vemos que é difícil abandonar a definição da novela por tamanho e comparação com o conto e o romance[22]. Ficaremos então com essa mesma ideia, mas destacando alguns elementos que podem ser uteis para pensar a narrativa de Jaf. O primeiro é a ideia de uma narração simplificada, feita por um só narrador, e que, nas palavras e Stalloni, "suprime os preparativos, os movimentos de aproximação, para começar *in medias res*, e chegar mais depressa até a crise e o desenlace"[23].

O termo *in medias res* (do latim, "no meio das coisas") designa a prática literária de se iniciar uma narrativa em alguma situação crucial, e não pelo começo de tudo – o início da vida do personagem, por exemplo, ou outro aspecto preliminar. Eventos prévios aparecerão no decorrer da narrativa, na forma de *flashbacks* (analepse ou retrospecção, em português). A prática foi identificada primeiramente pelo poeta latino Horácio (65 a.C.-8 a.C.) em sua *Arte Poética*, na qual valoriza o início *in medias res* das obras de Homero (*Ilíada e Odisseia*).

A novela de Jaf não começa de chofre em meio à ação, visto que o primeiro capítulo é uma espécie de apresentação ou modo de situar o leitor no assunto central da história, seu espaço, e características centrais da protagonista. Mas, assim considerado, vemos que esse capítulo contém o essencial do que precisamos saber para apreciar completamente o sentido dos eventos que se sucederão em seguida. Ou seja, não se trata de um adiamento, ou de uma aproximação lenta ao essencial. Tanto é que, logo no começo do segundo capítulo, o *problema*, que vai desencadear a narrativa daí em diante, está instaurado: "Foi isso que aconteceu com a Sardinha quando o cardume se aproximou da praia. Uma rede caiu sobre ela e algumas amigas" (p. 12).

O narrador não perde tempo, em suma, com fatos da vida pregressa da Sardinha, antes desse evento transformados que é o fato de quase morrer capturada por uma rede de pesca. Nesse sentido, é como se estivéssemos aqui já lançados em meio aos acontecimentos fundamentais da narrativa.

Outro ponto importante destacado por Stalloni é o que ele chama de "ambição da verdade". Aqui ele marca explicitamente uma diferença em relação ao conto: "ao contrário do conto, [...] a novela dá uma visão do mundo apresentada como fiel"[24]. A novela teria a ver, segue Stalloni, com a resolução de uma crise, e a consequente revelação de uma verdade imanente: "Essa verdade é percebida tanto no valor de testemunho quanto na revelação psicológica que permite à personagem, projetada na nudez de sua experiência, ir ao encontro de uma verdade subjetiva, que é a de seu próprio eu"[25]. Esse ponto relaciona-se particularmente com a trajetória da Sardinha. Ela vive, com efeito, uma experiência visceral, profunda, em que mergulha no seu próprio interior e aí se vê desnuda e liberta de toda proteção, mas também de toda falsidade. Sua trajetória é vertiginosa porque mergulha fundo em sua própria subjetividade, para encontrar a verdade sobre si e sobre seu lugar no mundo.

Isso não é uma mágica, está claro, mas um processo de amadurecimento e formação – daí a remissão ao subgênero dos romances de formação que, resumindo, narram a trajetória de vida do protagonista, focando em seus anos de crescimento e instrução. A formação é entendida, por um lado, no sentido formal, acadêmico. Possuem grande destaque, nessas narrativas, o período escolar dos personagens, na passagem da infância para a adolescência, e todos os conflitos característicos dessa fase. Então, por outro lado, e esse é o mais importante, a formação

22 É importante lembrar que a tradição teórica alemã definirá a novela de outra forma; mas a tradição de origem francesa é a mais difundida.

23 STALLONI, *op. cit.*, p. 116.

24 *Idem, op. cit.*, p. 117.

25 *Idem, op. cit.*, p. 117-118.

é entendida no sentido existencial, emocional, afetivo. Seu objetivo principal é a integração do indivíduo na realidade; o que o herói busca é encontrar seu lugar no mundo.

Porém, a realização desse objetivo não é fácil, porque indivíduo e mundo não estão em harmonia, mas em discordância. O herói do romance de formação encontrará diversas dificuldades e inadequações entre sua individualidade e os valores da sociedade, entre interioridade e exterioridade. Há um verdadeiro choque entre o sujeito e o mundo. Mas há também, e este é um traço fundamental do romance de formação, a possibilidade de superar esse choque, de modo que, ao final, o protagonista se reconcilie com a realidade.

É o que afirma o filósofo húngaro Georg Lukács (1885-1971), ao falar de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, paradigma do romance de formação (*Bildungsroman*, em alemão): "Tipo humano e estrutura da ação são, portanto, condicionados aqui pela necessidade formal de que a reconciliação entre interioridade e mundo é problemática, mas possível; de que ela tem de ser buscada em penosas lutas e descaminhos, mas pode, no entanto, ser encontrada"[26].

Por isso é que se pode dizer que, no romance de formação, o tempo é concebido de modo positivo, como dimensão fecunda, que propicia o amadurecimento do herói e a concretização de suas potencialidades, de seu *telos* (finalidades). O herói normalmente consegue superar as dificuldades e sofrimentos que encontra em seu caminho, tendo sempre em vista a utopia da formação, projetada (e realizada) no futuro.

Em sua trajetória, a Sardinha primeiro vivencia o choque causado por seu comportamento individual, que começa a perturbar a ordem estabelecida e a prejudicar o grupo. Ao ser expulsa do cardume, ela logo é confrontada com um mundo muito mais vasto do que ela supunha que existisse quando estava protegida entre seus pares: "Sem o cardume, o tamanho do mar tornava-se insuportável. Aquela massa de água que não acabava nunca provocava uma sensação de desamparo esmagadora. Quem era ela diante daquilo tudo? O que era ela? Para onde ir? Por que ir?" (p. 25)

Assim como nas narrativas de formação, a trajetória da nossa protagonista será marcada por muitas peripécias e dificuldades, mas o que sobressai é a aposta num futuro de superação, de reintegração à vida – lembremos que ela opta por continuar, por tentar, por enfrentar a realidade sem o cardume. Há, assim, a visão positiva sobre o tempo que, ao passar, permite que nossa heroína amadureça com suas experiências, encontros e vivências.

6. Tecnologia: revolução ou conservação?

No item 3 desta seção, "Indagações filosóficas", vimos o tipo de interação social que a Sardinha tinha no cardume fazia pensar na incomunicabilidade e no individualismo da sociedade de massas. Mais especificamente, essa interação – ou falta de interação – aponta para um dos paradoxos da contemporaneidade: a extrema facilidade de comunicação pode aproximar pessoas, mas também levar ao extremo isolamento social. Esse paradoxo levanta outros tantos, atrelados aos desenvolvimentos tecnológicos de ponta, que permitem uma visão mais ampliada sobre a sociedade e suas contradições.

Muito tem se falado, nos últimos anos, sobre o advento de uma Quarta Revolução Industrial. Esse é o título de um livro publicado em 2016, de autoria do economista alemão Klaus Schwab, fundador e diretor executivo do Fórum Econômico Mundial. Esse quarto estágios das evoluções tecnológicas e industriais teria se iniciado no quarteto final do século XX. Só para recordar: a primeira Revolução Industrial ocorreu entre os séculos XVIII e XIX,

26 LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. Trad. José Marques Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

e foi marcada pela passagem da produção manual para a mecanização. A Segunda Revolução Industrial começou em meados do século XIX, sendo marcada pelo surgimento da eletricidade, permitindo a massificação da produção industrial. Finalmente, a Terceira Revolução Industrial iniciou-se também em meados do século XX, com inovações tecnológicas envolvendo eletrônicos, telecomunicações e tecnologia da informação.

À diferença de suas antecessoras, a Quarta Revolução Industrial seria marcada não por uma continuidade na evolução tecnológica, mas por uma verdadeira mudança de paradigma no desenvolvimento tecnológico, por conta de sua velocidade, de seu alcance e de seu impacto; e também por visar à mínima intervenção humana no modo de funcionamento das indústrias.

Por um lado, economistas e empresários celebram essa "revolução", que já estaria em curso em projetos como o do governo da Alemanha visando criar fábricas totalmente automatizadas e geridas por redes inteligentes que, no limite, passariam a controlar a si mesmas.

A chamada "internet das coisas" tem grande parte nesse processo. É a tecnologia por meio da qual cientistas e engenheiros pretendem etiquetar e conectar virtualmente todos os objetos da vida das pessoas. A transmissão de dados entre computadores e objetos permite realizar programações que avisam sobre as "necessidades" dos objetos ou das pessoas que os utilizam. Por exemplo, um vaso que avisa quando uma planta precisa ser regada; ou uma cama que avisa a um responsável (médico ou familiar) por um idoso se ele está há muito tempo deitado, o que pode ser sinal de alguma emergência. Alguns exemplos muitos de nós já têm em seu cotidiano, como o de eletrodomésticos que avisam quando acabaram suas tarefas. Da mesma forma, as máquinas em uma fábrica são programadas para cooperar entre si e tomar decisões, com ou sem a ajuda de humanos. Os entusiastas da tecnologia afirmam que ela é necessária porque eliminará custos, gastos e o trabalho humano, que seria menos acurado e atento do que o das máquinas. De acordo com eles, os computadores é que deveriam gerir as coisas, e não as pessoas, que teriam então tempo para se ocupar de assuntos mais importantes. Porém, o entusiasmo com a nova tecnologia minimiza ou não leva em conta seus aspectos negativos. No nível mais doméstico, a ausência de intermediação humana no uso dos objetos pode significar um cotidiano ainda mais alienado, ou solitário. Um idoso que vive só pode certamente se beneficiar dos recursos tecnológicos, mas isso não elimina sua necessidade de companhia e interação humana.

No âmbito macroeconômico, esse tipo de tecnologia impulsiona a famigerada quarta revolução industrial (que incluir, ainda, o desenvolvimento de nano e neurotecnologias, robôs, inteligência artificial, biotecnologia, drones, impressoras 3D etc.), que, se cumprir o que promete, pode acabar com milhões de vagas de emprego nos países mais industrializados do mundo, trazendo muito lucro para quem já detém muito poder e dinheiro; ou seja, aumentando ainda mais a desigualdade social.

Economistas como Schwab apregoam que as inovações tecnológicas seriam benéficas para países emergentes, citando por exemplo o uso muito difundido de celulares e plataformas digitais. Ora, são essas mesmas facilidades que geram as contradições do chamado capitalismo de plataforma. Empresas como Uber e Uber Eats, por exemplo, lucram com o desemprego (daqueles que são inclusive demitidos das fábricas informatizadas) e os baixos salários de países como o Brasil, valendo-se da impessoalidade facilitada pela tecnologia e pela conectividade. No discurso oficial, quem se associa à plataforma é um "empreendedor". Na prática, é alguém que trabalha em excesso, sem segurança nem garantias trabalhistas.

Da mesma forma que os efeitos perversos do capitalismo de plataforma se faz sentir mais agudamente em países mais pobres, as mudanças vertiginosas da quarta revolução industrial podem ter efeitos devastadores justamente em sociedades ou grupos que não conseguirem se

adaptar a elas. Com isso se preocupam muitos sociólogos e economistas, que denunciam inclusive uma espécie de "darwinismo tecnológico", que imporia a lei do mais forte – ou do "adapte-se ou pereça". Podemos estar à beira de assistir a uma volta do darwinismo social em voga no século XIX. Inspirado nos fundamentos científicos de Darwin, foi um conjunto de teorias que, "partindo dos conceitos biológicos de 'luta pela existência' e de 'sobrevivência do mais apto', tentaram dar um (suposto) fundamento 'científico' às desigualdades sociais (e raciais)"[27]. Desse ponto de vista, o fato de muitos serem prejudicados pelas inovações tecnológicas seria justificado como um valor por aqueles que advogam a implementação radical dessas novas tecnologias e não se preocupam com o aumento da desigualdade social, com problemas ambientais e nem mesmo com questões geopolíticas. Nesse sentido, portanto, o avanço científico não seria revolucionário, mas conservador de antigas estruturas de poder e desigualdade mundial.

Talvez, então, celebrar as inovações tecnológicas e as mudanças que estão ocorrendo nos modos de produção e trabalho como uma revolução seja uma forma de minimizar os efeitos deletérios do uso e implementação indiscriminados das novas tecnologias para a maioria da população mundial. Ou de colocar em segundo plano outras questões sociais elementares. Basta pensarmos, como exemplo, em alguns dados assustadores: há mais objetos (como computadores, celulares, carros, eletrodomésticos) conectados no mundo do que pessoas; porém mais da metade da população mundial ainda sofre com falta de saneamento básico seguro. De acordo com o último relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), de 2019, 4,2 bilhões de indivíduos não têm acesso a esgotamento sanitário seguro; e cerca de 3 bilhões de pessoas não têm instalações básicas para lavar as mãos de forma adequada[28]. Esse dado é ainda mais assustador face à pandemia mundial de covid-19, porque uma das armas mais eficazes contra o coronavírus é simplesmente lavar as mãos com água e sabão; algo não tão simples para 40% da população mundial[29].

A enorme disparidade entre tecnologia de ponta e pobreza extrema alerta para a importância de que os avanços tecnológicos e industriais não passem por cima de certos princípios sociais, éticos e políticos. Sobretudo, de que a ciência não seja manipulada para justificar fins prejudiciais à existência humana, animal e ambiental; mas seja, ao contrário, usada para promover o bem-estar social e ecológico.

27 *Dicionário de Filosofia*. Nicola Abbagnano. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 267.

28 1 em cada 3 pessoas no mundo não tem acesso a água potável, dizem o UNICEF e a OMS. UNICEF.Disponível em: http://unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/1-em-cada-3-pessoas-no-mundo-nao-tem-acesso-agua-potavel-dizem-unicef-oms. Acesso em: 23 fev. 2021.

29 Lavar as mãos com sabão não está entre as possibilidades de bilhões de pessoas no mundo. Nações Unidas Brasil.Disponível em: http://brasil.un.org/pt-br/85277-lavar-maos-com-sabao-nao-esta-entre-possibilidades-de-bilhoes-de-pessoas-no-mundo. Acesso em: 23 fev. 2021.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

1. LIVROS E ARTIGOS CIENTÍFICOS

- ***Outras mentes – o polvo e a origem da consciência***. Peter Godfrey-Smith (Trad. Paulo Geiger. São Paulo, Todavia, 2019).

  O filósofo investiga como e por que certos animais adquiriram uma espécie de consciência de si mesmos, abrindo caminhos para entendermos melhor o funcionamento da própria consciência humana. A tese de Godfrey-Smith tem uma especial relação de intertextualidade com a novela de Jaf, na medida em que nossa Sardinha é a própria encarnação ficcional do animal que toma consciência de si.

- ***A era da empatia – lições da natureza para uma sociedade mais gentil***. Frans de Waal (trad. Rejane Rubino. São Paulo, Companhia das Letras, 2010).

  Ao contrário das teorias que procuram mostrar que o ser humano, a exemplo dos animais, é geneticamente egoísta e mau, o autor investiga a capacidade de empatia e compaixão como algo inato aos humanos e a certos animais, como camundongos e macacos. Tal capacidade seria inclusive uma vantagem evolutiva: animais empáticos e solidários formam grupos mais coesos – o mesmo pode valer para pensarmos sociedades humanas mais cooperativas e empáticas. Trata-se de um livro erudito e divertido ao mesmo tempo, cujas ideias estão em relação com as discussões sobre darwinismo e darwinismo social levantadas pela narrativa de Ivan Jaf.

2. TEXTOS JORNALÍSTICOS E MIDIÁTICOS

- "A beleza e a evolução", Reportagem de Ferris Jabr. Revista *Piauí*, edição 162, mar. 2020 (p. 50 a 56).

  A reportagem investiga diferentes teorias sobre a existência da beleza no reino animal, mostrando que não pode ser explicada apenas pela seleção natural. O jornalista fala um pouco sobre as teorias de dois biólogos contemporâneos, os norte-americanos Richard Prum e Michael Ryan. A reportagem oferece subsídios para pensarmos sobre os desejos da Sardinha, como sentir-se livre e apreciar coisas belas, que extrapolam (e até mesmo contradizem) as necessidades de sobrevivência de sua espécie.

3. TEXTOS LITERÁRIOS

- ***O apanhador no campo de centeio***. J. D. Salinger (Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo, Todavia, 2019).

  Talvez este seja o mais conhecido dos romances que representaram a adolescência, suas dores e contradições, paixão e tédio, insegurança e rebeldia. Não podia deixar de ser referido em uma discussão sobre projetos de vida e inquietações da juventude, temas levantados pela narrativa de Jaf. Publicado originalmente em 1951, o livro influenciou gerações e continua atual.

- ***Fuga***. Luana Chnaiderman de Almeida (São Paulo, FTD, 2017).

  Romance que narra as aventuras de uma adolescente em uma jornada existencial, de autoconhecimento. Sua crise começa justamente quando ela se dá conta de que não se reconhece como parte de sua turma. A história traz temas como inadequação, incompreensão do mundo adulto e as contradições do mundo moderno, dominado pelas redes sociais. Todos temas que também tocam a trajetória da personagem central de *A sardinha ansiosa*.

- ***Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister***. Johann Wolfgang Von Goethe (Trad. Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006).

  Paradigma do romance de formação, o livro de Goethe conta o percurso de aventuras e peripécias do personagem do título, em busca do desenvolvimento de todas as suas capacidades e potencialidades existenciais. O problema da formação do indivíduo inserido em um contexto social e histórico concreto é o objeto central desse livro clássico. Mesmo sem o mesmo peso, profundidade e extensão, as aventuras da Sardinha dialogam, a seu modo, com esse romance fundador.

- ***A grande assembleia de bichos pestilentos e peçonhentos***. Ivan Jaf (São Paulo, Trioleca, 2019).

  Esta outra narrativa de Jaf traz uma série de animais personificados, servindo como uma excelente fonte de inspiração para os alunos exercerem uma das atividades propostas – pesquisa científica sobre animais e criação de personagens personificados. Além disso, traz elementos da ciência e da história (o surgimento da microbiologia, os médicos sanitaristas brasileiros, a Revolta da Vacina) de grande interesse para compreender estes tempos de pandemias e *fake news*.

4. FILMES

Você não estava aqui (*Sorry we missed you*, Reino Unido, 2019), dirigido por Ken Loach. Num contexto de recessão e desemprego, um casal luta para sustentar a família e pagar as contas. O filme foca nos esforços de Ricky, que é atraído pelo canto de sereia do "empreendedorismo", aderindo, como entregador de encomendas, ao capitalismo de plataforma, também chamado economia sob demanda. A rotina é dura, com muitas horas de trabalho e quase nenhum descanso, e muitos gastos e riscos inesperados. Logo, Ricky estará preso em círculo vicioso, numa situação de alto custo humano e psicológico. O filme mostra os mecanismos das modernas formas de exploração do trabalho, relacionando-se às discussões, abertas pelo livro de Jaf, sobre o individualismo, sobre a lógica opressiva do mundo do trabalho e do consumo, e sobre estresse, pânico e outros sofrimentos psíquicos. Um bom gancho também para falar dos efeitos dos avanços tecnológicos neste século.

- ***Olhos azuis***. *(Blue-eyed,* Alemanha / EUA, 1996).

  Documentário sobre Jane Elliot, professora norte-americana que, nos anos 60, desafiou o preconceito ensinando a crianças de terceira série o que era o racismo. Para isso, ela criou uma dinâmica em que as crianças de olhos azuis eram sistematicamente discriminadas pelas crianças de olhos castanhos; a situação se invertia no dia seguinte, para que todos experimentassem e entendessem um pouco o que era ser hostilizado e considerado inferior com base em um aspecto físico. Mais adiante, Elliot passou a ministrar seminários em que conduzia um exercício semelhante com adultos. O filme dá o que pensar sobre situações de exclusão, estigmatização e *bullying*, um tema importante trazido pela novela de Jaf.

- ***Últimas conversas***. Eduardo Coutinho (Brasil, 2015).

  Último documentário dirigido pelo cineasta antes de morrer. Coutinho entrevista estudantes do Ensino Médio de escolas públicas do Rio de Janeiro, perguntando sobre suas rotinas, seus sentimentos, medos, sonhos e expectativas. Oferece elementos para trabalhar esses mesmos temas com os alunos, a partir do processo de autoconhecimento vivido pela Sardinha.

- ***Billy Elliot***, dirigido por Stephen Daldry (Reino Unido, 2000).

  O filme mostra a trajetória de Billy Elliot, um garoto de 11 anos que aspira tornar-se um bailarino profissional, lutando contra o preconceito familiar e social. O filme trata da busca pela identidade por meio dos papeis de gênero e da sexualidade. Da mesma forma que a Sardinha, Billy tem de lutar contra modos de vida cristalizados e leis pré-estabelecidas, que ferem profundamente sua natureza e suas inspirações individuais. Também importante para refletir sobre amadurecimento e autoconhecimento.

5. MÚSICAS

- "Medo de ser", música de Arnaldo Antunes, do álbum *RSTUVXZ*, de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s_a6dH8UdIA. Acesso em: 13 abr. 2020. A letra da música é uma espécie de *Chapeuzinho Amarelo* (o famoso livro infantil de Chico Buarque sobre medo) para jovens e adultos também. Vale uma leitura intertextual com o incrível trecho do capítulo 6, que enumera todos os medos da Sardinha: "Sentiu medo de tudo. Da morte e de ficar maluca. De travar e de não parar de pensar. De ficar velha e de tubarão. De baleia e de areia. De pedra e camarão. De plástico e crustáceo. De arraia-gigante-furadinha e pôr do sol. De manjuba e casco de navio. De cardume e de ficar sozinha. De ser amada e de ninguém gostar dela. Medo do passado e de novidade. Medo de nunca mais se interessar por nada. Medo desta vida e das outras. Medo de existir e de deixar de existir. Medo de nadar e de filtrar plâncton. Medo de não nadar e de não filtrar plâncton. Medo de excretar muco e de secar. Medo de parar de achar graça nas coisas. Medo de continuar achando tudo assustador pra sempre. Medo dessa ideia de 'pra sempre'. E medo, um medo terrível, de ter medo" (p. 21). Não tem como não se lembrar da *Chapeuzinho Amarelo,* e também da música de Arnaldo, que incita, com seu refrão: "Vencer o medo de ser". Bom gancho para tratar de temas como ansiedade, pânico, depressão.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

- "A beleza e a evolução", Reportagem de Ferris Jabr. *Revista Piauí*, edição 162, março 2020 (p. 50 a 56). Já indicada e comentada nas Sugestões de Referências Complementares, a reportagem foi importante para pensarmos sobre e a partir das aspirações da Sardinha, que não podem ser explicadas pela seleção natural.
- A instituição de ensino não sabe lidar com conflitos. Por isso, muitas vezes, não quer alunos questionadores". Rosely Sayão. *Revista Crescer*. Disponível em: https://revistacrescer.globo.com/Criancas/Escola/noticia/2016/09/rosely-sayao-intituicao-de-ensino-nao-sabe-lidar-com-conflitos-por-isso-muitas-vezes-nao-quer-alunos-questionadores.html. Acesso em: 23 fev. 2021.
- ***A teoria do romance***. Georg Lukács. (São Paulo: Editora 34, 2000. Trad. José Marques Mariani de Macedo).
  O livro é uma referência importante para estudos sobre a forma romance. Na parte II do livro, Lukács examinará, no tópico 3, o romance de Goethe, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* – que é de especial interesse para uma análise intertextual com *A sardinha ansiosa*.
- ***A origem das espécies***. Charles Darwin (São Paulo, Ubu, 2018. Trad. Pedro Paulo Pimenta).
  A obra, publicada originalmente em 1859, revolucionou a ciência para sempre, além de influenciar outras áreas como antropologia, sociologia, filosofia e, claro, a literatura, desde o século XIX até os dias atuais – como mostra a obra de Jaf.
- A página do médico cancerologista Drauzio Varella apresenta uma série de artigos, notícias, entrevistas e textos originais sobre os mais variados tipos de doenças, disfunções e síndromes. A informação é trazida de modo sóbrio, claro e objetivo, procurando desmistificar crendices e boatos. Em tempos de epidemias e pandemias, publica boletins e checagens de fatos com regularidade, além de dicas embasadas cientificamente. Para este guia, consultamos as informações sobre a síndrome do pânico. Disponível em: https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-do-panico/. Acesso em: 23 fev. 2021.
- A página da Organização das Nações Unidas (ONU) em português é uma fonte confiável de informações sobre os mais variados temas do Brasil e do mundo. Aí encontramos notícias, boletins, documentos e ações concernentes aos temas de desenvolvimento sustentável, direitos humanos, paz e segurança, ações humanitárias. O endereço do *site* é: https://brasil.un.org/. Acesso em: 13 abr. 2020.
- Alguns aspectos do conto. Júlio Cortázar. *Valise de Cronópio*. (São Paulo, Perspectiva, 2006. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa), p. 147-163.
  Ao delimitar elementos centrais do conto, o autor argentino também ilumina aspectos do romance e da novela. Texto fundamental para a compreensão dos gêneros literários em prosa.
- ***Arte Poética***. Horácio. (Lisboa: Editorial Inquérito, 1984. Trad. R. M. Rosado Fernandes)
- Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.
  A BNCC traz as competências e habilidades relacionadas aos diversos campos de ação, para todas as áreas e ciclos da formação escolar. De fundamental importância para pensarmos atividades, leituras e assuntos pertinentes ao trabalho com o livro no Ensino Médio.
- Bullying não é nada disso. Rosely Sayão. *Folha de S.Paulo*, 10 maio 2011. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq1005201114.htm. Acesso em: 23 fev. 2021.

- ***Dicionário de Filosofia***. Nicola Abbagnano (6. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2002. Trad. Ivone Castilho Benedetti). Repertório acessível de termos filosóficos, bem explicados e documentados. Útil para compreendermos melhor certas correntes de pensamento e seus conceitos.

- ***Educação Sem Blá-Blá-Blá***. Rosely Sayão (São Paulo, Três Estrelas, 2018).
  O livro reúne textos publicados pela psicóloga, que também atua como consultora educacional, em sua coluna na *Folha de S.Paulo,* abordando temas como o convívio familiar, o dia a dia na escola, questões existenciais, *bullying*, a relação das crianças com a tecnologia e com a política, entre outros. Um artigo extraído da internet e uma pequena entrevista dada pela autora também ajudam a entender o tema.

- ***Introdução à Poética Clássica***. Segismundo Spina. (São Paulo, FTD, 1967)
  As obras de Aristóteles e Horácio são os marcos clássicos no estudo do fazer literário, identificando e definindo formas, regras, características, gêneros etc. O livro do Professor Segismundo Spina é baseado em seus cursos na Universidade de São Paulo, explicando de modo didático as regras da poética clássica estabelecidas pelos autores greco-romanos.

- Natureza e Cultura: sentidos da diversidade. Felipe Sussekind. *Revista Interseções*, v. 20, n. 1 (UFRJ, 2018). Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/35915/25635.
  Acesso em 13 abr. 2020. Nesse artigo, o pesquisador buscar refletir sobre o par natureza / cultura, investigando alguns dos limites e desdobramentos dos dois conceitos no campo da antropologia contemporânea.

- ***"Nisun***: A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus". Els Lagrou. Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social (BVPS). Disponível em: https://blogbvps.wordpress.com/2020/04/13/nisun-a-vinganca-do-povo-morcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-corona-virus-por-els-lagrou/. Acesso em: 13 abr. 2020.
  Texto atualíssimo sobre as relações entre humanos e animais, contrastando a perspectiva indígena com a dualidade do pensamento dominante ocidental.

- ***O tempo e o cão – a atualidade das depressões***. Maria Rita Khel (São Paulo, Boitempo Editorial, 2009).
  Nesse livro, a psicanalista Maria Rita Kehl mostra como a "aura romântica" dos melancólicos, oscilando entre o gênio e a loucura, se perde com o surgimento da psiquiatria moderna e o uso psicanalítico (Freudiano) do termo melancolia. Kehl mostrará então como Walter Benjamin, sem desconhecer a obra de Freud, resgatará o sentido pré-freudiano da palavra *melancolia* em sua obra, sobretudo em sua interpretação da obra do poeta francês Baudelaire (1821-1867), relacionando "o desencanto e a falta de vontade do melancólico diretamente ao efeito de um desajuste ou mesmo de uma recusa das condições simbólicas do laço social" (p. 76). Aqui, o melancólico é novamente investido da capacidade de crítica social. Kehl busca assim articular, em seu estudo, a depressão como sintoma social do século XXI e a melancolia no sentido antigo, pré-freudiano.

- ***Os gêneros literários***. Yves Stalloni (Rio de Janeiro, Difel, 2001).
  O livro é um bom manual sobre os diferentes gêneros literários, sua história e suas características. Em linguagem acessível e didática, ajuda a reconhecer, compreender e interpretar melhor os diversos tipos de textos literários.

- "O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov" *in* Obras *Escolhidas vol I: Magia e técnica, arte e política.* Walter Benjamin (3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. Tradução de Sergio Paulo Rouanet).

Tendo como objeto de estudo a obra do escritor russo Nikolai Leskov (1831-1895), que traz em sua narrativa a linguagem coloquial e os costumes de seu povo, Benjamin examina a arte de narrar por meio de seus elementos tradicionais. Referência incontornável nas discussões e análises sobre narrativa e experiência.

- O *site* do Projeto Tamar tem excelentes informações sobre as tartarugas marinhas, ajudando a entender o ciclo de vida e reprodução da personagem de Jaf. Disponível em: https://www.tamar.org.br/interna.php?cod=97. Acesso em: 13 abr. 2020.
- ***Poética***. Aristóteles. (São Paulo, Ed. 34, 2015. Trad. Paulo Pinheiro)
- ***Que é filosofar?*** Joseph Pieper. (São Paulo, Ed. Loyola, 2007. Trad. Francisco de A. P. Machado).
  O pequeno livro desse filósofo alemão é uma boa introdução à natureza do pensamento filosófico. Pieper procura primeiro delimitar as características desse tipo de pensamento contra o pano de fundo do mundo do trabalho e da produtividade. Em seguida, fala sobre os objetivos da filosofia; as diferenças entre meio ambiente e mundo; e a relação da filosofia com uma certa tradição do pensamento, mais especificamente com a tradição teológica.
- ***Romance de Formação em Perspectiva Histórica – O Tambor de Lata de Günter Grass***. Marcus Vinicius Mazzari. (São Paulo, Ateliê, 1999). Um dos principais estudiosos do Romance de Formação, Mazzari analisa, entre outros aspectos do tema, o livro de Goethe (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*) como protótipo desse gênero.